

# **APOSTILA DE LITERATURA PORTUGUESA (LETA22) – 2020.1**

## **PROF. SANDRO ORNELLAS**

### **LUIS DE CAMÕES [1525-6/1580]**

#### **SONETOS DO DESCONCERTO DO MUNDO**

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo o mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,  
Diferentes em tudo da esperança;  
Do mal ficam as mágoas na lembrança,  
E do bem, se algum houve, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,  
Que já coberto foi de neve fria,  
E em mim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,  
Outra mudança faz de mor espanto:  
Que não se muda já como soía.

\*\*\*

Doces lembranças da passada glória,  
que me tirou Fortuna roubadora,  
deixai-me repousar em paz uma hora,  
que comigo ganhais pouca vitória.

Impressa tenho n'alma larga história  
deste passado bem que nunca fora;  
ou fora, e não passara; mas já agora  
em mim não pode haver mais que a memória.

Vivo em lembranças, morro de esquecido,  
de quem sempre devera ser lembrado,  
se lhe lembrara estado tão contente.

Oh! quem tornar pudera a ser nascido!  
Souvera me lograr do bem passado,  
se conhecer soubera o mal presente.

\*\*\*

Enquanto quis Fortuna que tivesse  
Esperança de algum contentamento,  
O gosto de um suave pensamento  
Me fez que seus efeitos escrevesse.

Porém, temendo Amor que aviso desse  
Minha escritura a algum juízo isento,  
Escureceu-me o engenho com o tormento,  
Para que seus enganos não dissesse.

Ó vós que Amor obriga a ser sujeitos  
A diversas vontades! Quando lerdes  
Num breve livro casos tão diversos,

Verdades puras são e não defeitos;  
E sabei que, segundo o amor tiverdes,  
Tereis o entendimento de meus versos.

\*\*\*

Busque Amor novas artes, novo engenho,  
para matar-me, e novas esquivanças;  
que não pode tirar-me as esperanças,  
que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantendo!  
Vede que perigosas seguranças!  
Que não temo contrastes nem mudanças,  
andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto  
onde esperança falta, lá me esconde  
Amor um mal, que mata e não sevê.

Que dias há que n'alma me tem posto  
um não sei quê, que nasce não sei onde,  
vem não sei como, e dói não sei porquê.

\*\*\*

Aquela triste e leda madrugada,  
cheia toda de mágoa e de piedade,

enquanto houver no mundo saudade  
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada  
saía, dando ao mundo claridade,  
viu apartar-se d'uma outra vontade,  
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio  
que duns e doutros olhos derivadas  
se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas  
que puderam tornar o fogo frio,  
e dar descanso às almas condenadas.

\*\*\*

Tanto de meu estado me acho incerto,  
que em vivo ardor tremendo estou de frio;  
sem causa, juntamente choro e rio,  
o mundo todo abarco e nada aperto.

É tudo quanto sinto, um desconcerto;  
da alma um fogo me sai, da vista um rio;  
agora espero, agora desconfio,  
agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao Céu voando,  
numa hora acho mil anos, e é de jeito  
que em mil anos não posso achar uma hora.

Se me pergunta alguém porque assim ando,  
respondo que não sei; porém suspeito  
que só porque vos vi, minha Senhora.

\*\*\*

No mundo quis o Tempo que se achasse  
O bem que por acerto ou sorte vinha  
E, por experimentar que dita tinha,  
Quis que a Fortuna em mim se experimentasse.

Mas por que meu destino me mostrasse  
Que nem ter esperanças me convinha,  
Nunca nesta tão longa vida minha  
Cousa me deixou ver que desejasse.

Mudando andei costume, terra e estado,  
Por ver se se mudava a sorte dura

A vida pus nas mãos de um leve lenho.

Mas, segundo o que o Céu me tem mostrado,  
Já sei que deste meu buscar ventura  
Achado tenho já que não a tenho.

\*\*\*

Eu cantei já, e agora vou chorando  
o tempo que cantei tão confiado;  
parece que no canto já passado  
se estavam minhas lágrimas criando.

Cantei; mas se me alguém pergunta: – Quando?  
– Não sei; que também fui nisso enganado.  
É tão triste este meu presente estado  
que o passado, por ledo, estou julgando.

Fizeram-me cantar, manhosamente,  
contentamentos não, mas confianças;  
cantava, mas já era ao som dos ferros.

De quem me queixarei, que tudo mente?  
Mas eu que culpa ponho às esperanças  
onde a Fortuna injusta é mais que os erros?

\*\*\*

Os bons vi sempre passar  
No mundo graves tormentos;  
E para mais me espantar,  
Os maus vi sempre nadar  
Em mar de contentamentos.  
Cuidando alcançar assim  
O bem tão mal ordenado,  
Fui mal, mas fui castigado.  
Assim que, só para mim,  
Anda o mundo concertado.

\*\*\*

#### **ANEXO: O DESCONCERTO NO/DO BRASIL EM GREGÓRIO DE MATOS**

Triste Bahia! Ó quão dessemelhante  
Estás e estou do nosso antigo estado!  
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,  
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,  
Que em tua larga barra tem entrado,

A mim foi-me trocando, e tem trocado,  
Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente  
Pelas drogas inúteis, que abelhuda  
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus que de repente  
Um dia amanheceras tão sisuda  
Que fora de algodão o teu capote!

## OS LUSÍADAS (1572)

### Canto I (Proposição, Invocação das musas e Dedicatória)

1  
As armas e os barões assinalados  
Que da Ocidental praia Lusitana,  
Por mares nunca dantes navegados  
Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2  
E também as memórias gloriosas  
Daqueles Reis que foram dilatando  
A Fé, o Império, e as terras viciosas  
De África e de Ásia andaram devastando,  
E aqueles que por obras valorosas  
Se vão da lei da Morte libertando,  
Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

3  
Cessem do sábio Grego e do Troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Cale-se de Alexandre e de Trajano  
A fama das vitórias que tiveram;  
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,  
A quem Neptuno e Marte obedeceram.  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se elevanta.

4  
E vós, Tágides minhas, pois criado  
Tendes em mi um novo engenho ardente,

Se sempre em verso humilde celebrado  
Foi de mi vosso rio alegremente,  
Dai-me agora um som alto e sublimado,  
Um estilo grandíquo e corrente,  
Por que de vossas águas Febo ordene  
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

5  
Dai-me uma fúria grande e sonorosa,  
E não de agreste avena ou flauta ruda,  
Mas de tuba canora e belicosa,  
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;  
Dai-me igual canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;  
Que se espalhe e se cante no Universo,  
Se tão sublime preço cabe em verso.

[...]

10  
Vereis amor da pátria, não movido  
De prémio vil, mas alto e quase eterno;  
Que não é prémio vil ser conhecido  
Por um pregão do ninho meu paterno.  
Ouvi: vereis o nome engrandecido  
Daqueles de quem sois senhor superno,  
E julgareis qual é mais excelente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

11  
Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,  
Fantásticas, fingidas, mentirosas,  
Louvar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecer-se desejosas:  
As verdadeiras vossas são tamanhas,  
Que excedem as sonhadas, fabulosas,  
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro,  
E Orlando,inda que fora verdadeiro.

[...]

### Canto X (Epílogo)

144  
Assim foram cortando o mar sereno,  
Com vento sempre manso e nunca irado,  
Até que houveram vista do terreno  
Em que nasceram, sempre desejado.  
Entraram pela foz do Tejo ameno,

E a sua pátria e Rei temido e amado  
O prémio e glória dão por que mandou,  
E com títulos novos se ilustrou.

145

No mais, Musa, no mais, que a Lira tenho  
Destemperada e a voz enrouquecida,  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar a gente surda e endurecida.  
O favor com que mais se acende o engenho  
Não no dá a pátria, não, que está metida  
No gosto da cobiça e na rudeza  
Duma austera, apagada e vil tristeza.

### **FERNANDO PESSOA-ELE MESMO [1888-1935]**

#### **PASSOS NA CRUZ**

**VI**

Venho de longe e trago no perfil,  
Em forma nevoenta e afastada,  
O perfil de outro ser que desagrada  
Ao meu actual recorte humano e vil.  
Outrora fui talvez, não Boabdil,  
Mas o seu mero último olhar, da estrada  
Dado ao deixado vulto de Granada,  
Recorte frio sob o unido anil...  
Hoje sou a saudade imperial  
Do que já na distância de mim vi...  
Eu próprio sou aquilo que perdi...  
E nesta estrada para Desigual  
Florem em esguia glória marginal  
Os girassóis do império que morri...

**XI**

Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela  
E oculta mão colora alguém em mim.  
Pus a alma no nexo de perdê-la  
E o meu princípio floresceu em Fim.  
Que importa o tédio que dentro em mim gela,  
E o leve Outono, e as galas, e o marfim,  
E a congruência da alma que se vela  
Com os sonhados pálios de cetim?  
Disperso... E a hora como um leque fecha-se...  
Minha alma é um arco tendo ao fundo o mar...  
O tédio? A mágoa? A vida? O sonho? Deixa-se...  
E, abrindo as asas sobre Renovar,

A erma sombra do voo começado  
Pestaneja no campo abandonado...

**XIII**

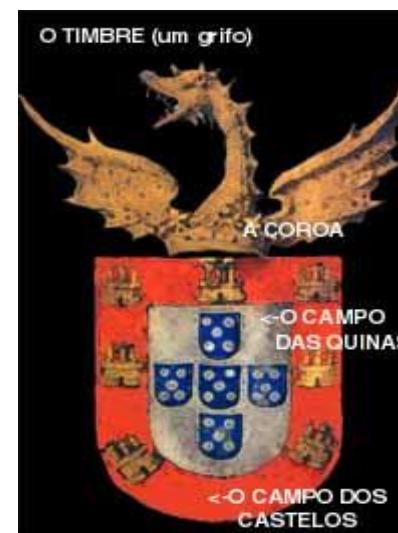
Emissário de um rei desconhecido  
Eu cumpro informes instruções de além,  
E as bruscas frases que aos meus lábios vêm  
Soam-me a um outro e anómalo sentido...  
Inconscientemente me divido  
Entre mim e a missão que o meu ser tem,  
E a glória do meu Rei dá-me o desdém  
Por este humano povo entre quem lido...  
Não sei se existe o Rei que me mandou  
Minha missão será eu a esquecer,  
Meu orgulho o deserto em que em mim estou...  
Mas há! Eu sinto-me altas tradições  
De antes de tempo e espaço e vida e ser...  
Já viram Deus as minhas sensações...

\*\*\*

#### **MENSAGEM (1934)**

##### **PRIMEIRA PARTE: BRASÃO**

*Bellum sine bello*



## I. OS CAMPOS

### PRIMEIRO / O DOS CASTELOS

A Europa jaz, posta nos cotovelos:  
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,  
E toldam-lhe românticos cabelos  
Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;  
O direito é em ângulo disposto.  
Aquele diz Itália onde é pousado;  
Este diz Inglaterra onde, afastado,

A mão sustenta, em que se apóia o rosto.  
Fita, com olhar sphynxico e fatal,  
O Ocidente, futuro do passado.  
O rosto com que fita é Portugal.

### SEGUNDO / O DAS QUINAS

Os Deuses vendem quando dão.  
Compra-se a glória com desgraça.  
Ai dos felizes, porque são  
Só o que passa!

Baste a quem baste o que Ihe basta  
O bastante de Ihe bastar!  
A vida é breve, a alma é vasta:  
Ter é tardar.

Foi com desgraça e com vileza  
Que Deus ao Cristo definiu:  
Assim o opôs à Natureza  
E Filho o ungiu.

## II. OS CASTELOS

### PRIMEIRO / ULISSES

O mytho é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mytho brilhante e mudo —  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,  
Foi por não ser existindo.  
Sem existir nos bastou.

Por não ter vindo foi vindo  
E nos criou.

Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade,  
E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade  
De nada, morre.

### SEGUNDO / VIRIATO

Se a alma que sente e faz conhece  
Só porque lembra o que esqueceu,  
Vivemos, raça, porque houvesse  
Memória em nós do instinto teu.

Nação porque reencarnaste,  
Povo porque ressuscitou  
Ou tu, ou o de que eras a haste —  
Assim se Portugal formou.

Teu ser é como aquela fria  
Luz que precede a madrugada,  
E é já o ir a haver o dia  
Na antemanhã, confuso nada.

### TERCEIRO / O CONDE D. HENRIOUE

Todo começo é involuntário.  
Deus é o agente.  
O herói a si assiste, vário  
E inconsciente.

À espada em tuas mãos achada  
Teu olhar desce.  
«Que farei eu com esta espada?»  
Ergueste-a, e fez-se.

### QUARTO / D. TAREJA

As nações todas são mistérios.  
Cada uma é todo o mundo a sós.  
Ó mãe de reis e avó de impérios,  
Vela por nós!

Teu seio augusto amamentou  
Com bruta e natural certeza  
O que, imprevisto, Deus fadou.  
Por ele reza!

Dê tua prece outro destino  
A quem fadou o instinto teu!  
O homem que foi o teu menino  
Envelheceu.

Mas todo vivo é eterno infante  
Onde estás e não há o dia.  
No antigo seio, vigilante,  
De novo o cria!

#### QUINTO / D. AFONSO HENRIQUES

Pai, foste cavaleiro.  
Hoje a vigília é nossa.  
Dá-nos o exemplo inteiro  
E a tua inteira força!

Dá, contra a hora em que, errada,  
Novos infiéis vençam,  
A bênção como espada,  
A espada como benção!

#### SEXTO / D. DINIS

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo  
O plantador de naus a haver,  
E ouve um silêncio murmuro consigo:  
É o rumor dos pinhais que, como um trigo  
De Império, ondulam sem se poder ver.

Arroio, esse cantar, jovem e puro,  
Busca o oceano por achar;  
E a fala dos pinhais, marulho obscuro,  
É o som presente desse mar futuro,  
É a voz da terra ansiando pelo mar.

#### SÉTIMO (I) / D. JOÃO O PRIMEIRO

O homem e a hora são um só  
Quando Deus faz e a história é feita.  
O mais é carne, cujo pó  
A terra espreita.

Mestre, sem o saber, do Templo  
Que Portugal foi feito ser,  
Que houveste a glória e deste o exemplo  
De o defender.

Teu nome, eleito em sua fama,  
É, na ara da nossa alma interna,

A que repele, eterna chama,  
A sombra eterna.

#### SÉTIMO (II) / D. FILIPA DE LENCASTRE

Que enigma havia em teu seio  
Que só gênios concebia?  
Que arcanjo teus sonhos veio  
Velar, maternos, um dia?

Volve a nós teu rosto sério,  
Princesa do Santo Graal,  
Humano ventre do Império,  
Madrinha de Portugal!

#### III. AS QUINAS

##### PRIMEIRA / D. DUARTE, REI DE PORTUGAL

Meu dever fez-me, como Deus ao mundo.  
A regra de ser Rei almou meu ser,  
Em dia e letra escrupuloso e fundo.  
Firme em minha tristeza, tal vivi.  
Cumpri contra o Destino o meu dever.  
Inutilmente? Não, porque o cumprí.

##### SEGUNDA / D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL

Deu-me Deus o seu gládio, porque eu faça  
A sua santa guerra.  
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,  
Às horas em que um frio vento passa  
Por sobre a fria terra.

Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me  
A fronte com o olhar;  
E esta febre de Além, que me consome,  
E este querer grandeza são seu nome  
Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do gládio erguido dá  
Em minha face calma.  
Cheio de Deus, não temo o que virá,  
Pois venha o que vier, nunca será  
Maior do que a minha alma.

##### TERCEIRA / D. PEDRO, REGENTE DE PORTUGAL

Claro em pensar, e claro no sentir,  
É claro no querer;

Indiferente ao que há em conseguir  
Que seja só obter;  
Dúplice dono, sem me dividir,  
De dever e de ser —

Não me podia a Sorte dar guarida  
Por não ser eu dos seus.  
Assim vivi, assim morri, a vida,  
Calmo sob mudos céus,  
Fiel à palavra dada e à idéia tida.  
Tudo o mais é com Deus!

#### QUARTA / D. JOÃO, INFANTE DE PORTUGAL

Não fui alguém. Minha alma estava estreita  
Entre tão grandes almas minhas pares,  
Inutilmente eleita,  
Virgemente parada;

Porque é do português, pai de amplos mares,  
Querer, poder só isto:  
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita —  
O todo, ou o seu nada.

#### QUINTA / D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL

Louco, sim, louco, porque quis grandeza  
Qual a Sorte a não dá.  
Não coube em mim minha certeza;  
Por isso onde o areal está  
Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem  
Com o que nela ia.  
Sem a loucura que é o homem  
Mais que a besta sadia,  
Cadáver adiado que procria?

#### IV. A COROA

#### NUN'ÁLVARES PEREIRA

Que auréola te cerca?  
E a espada que, volteando.  
Faz que o ar alto perca  
Seu azul negro e brando.

Mas que espada é que, erguida,  
Faz esse halo no céu?  
É Excalibur, a ungida,

Que o Rei Artur te deu.

'Sperança consumada,  
S. Portugal em ser,  
Ergue a luz da tua espada  
Para a estrada se ver!

#### V. O TIMBRE

#### A CABEÇA DO GRIFO / O INFANTE D. HENRIQUE

Em seu trono entre o brilho das esferas,  
Com seu manto de noite e solidão,  
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras —  
O único imperador que tem, deveras,  
O globo mundo em sua mão.

#### UMA ASA DO GRIFO / D. JOÃO O SEGUNDO

Braços cruzados, fita além do mar.  
Parece em promontório uma alta serra —  
O limite da terra a dominar  
O mar que possa haver além da terra.

Seu formidável vulto solitário  
Enche de estar presente o mar e o céu  
E parece temer o mundo vário  
Que ele abra os braços e lhe rasgue o véu.

#### A OUTRA ASA DO GRIFO / AFONSO DE ALBUQUERQUE

De pé, sobre os países conquistados  
Desce os olhos cansados  
De ver o mundo e a injustiça e a sorte.  
Não pensa em vida ou morte  
Tão poderoso que não quer o quanto  
Pode, que o querer tanto  
Calcará mais do que o submisso mundo  
Sob o seu passo fundo.  
Três impérios do chão lhe a Sorte apanha.  
Criou-os como quem desdenha.

#### SEGUNDA PARTE: MAR PORTUGUEZ

*Possessio maris.*

#### I. O INFANTE

Deus quere, o homem sonha, a obra nasce.  
Deus quis que a terra fosse toda uma,  
Que o mar unisse, já não separasse.

Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,  
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,  
E viu-se a terra inteira, de repente,  
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português,  
Do mar e nós em ti nos deu signal.  
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.  
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

## II. HORIZONTE

O mar anterior a nós, teus medos  
Tinham coral e praias e arvoredos.  
Desvendadas a noite e a cerração,  
As tormentas passadas e o mistério,  
Abria em flor o Longe, e o Sul sidério  
'Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longínqua costa —  
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta  
Em árvores onde o Longe nada tinha;  
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:  
E, no desembarcar, há aves, flores,  
Onde era só, de longe, a abstrata linha.

O sonho é ver as formas invisíveis  
Da distância imprecisa, e, com sensíveis  
Movimentos da esp'rança e da vontade,  
Buscar na linha fria do horizonte  
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —  
Os beijos merecidos da Verdade.

## III. PADRÃO

O esforço é grande e o homem é pequeno.  
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei  
Este padrão ao pé do areal moreno  
E para diante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.  
Este padrão sinala ao vento e aos céus  
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:  
O por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano  
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,  
Que o mar com fim será grego ou romano:

O mar sem fim é português.

E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma  
E faz a febre em mim de navegar  
Só encontrará de Deus na eterna calma  
O porto sempre por achar.

## IV. O MOSTRENGO

O mostrengo que está no fim do mar  
Na noite de breu ergueu-se a voar;  
A roda da nau voou três vezes,  
Voou três vezes a chiar,  
E disse: «Quem é que ousou entrar  
Nas minhas cavernas que não desvendo,  
Meus tetos negros do fim do mundo?»  
E o homem do leme disse, tremendo:  
«El-Rei D. João Segundo!»

«De quem são as velas onde me roço?  
De quem as quilhas que vejo e ouço?»  
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,  
Três vezes rodou imundo e grosso.  
«Quem vem poder o que só eu posso,  
Que moro onde nunca ninguém me visse  
E escorro os medos do mar sem fundo?»  
E o homem do leme tremeu, e disse:  
«El-Rei D. João Segundo!»

Três vezes do leme as mãos ergueu,  
Três vezes ao leme as reprende,  
E disse no fim de tremer três vezes:  
«Aqui ao leme sou mais do que eu:  
Sou um povo que quer o mar que é teu;  
E mais que o mostrengo, que me a alma teme  
E roda nas trevas do fim do mundo,  
Manda a vontade, que me ata ao leme,  
De El-Rei D. João Segundo!»

## V. EPITÁFIO DE BARTOLOMEU DIAS

Jaz aqui, na pequena praia extrema,  
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro,  
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!  
Atlas, mostra alto o mundo no seu ombro.

## VI. OS COLOMBOS

Outros haverão de ter  
O que houvermos de perder.

Outros poderão achar  
O que, no nosso encontrar,  
Foi achado, ou não achado,  
Segundo o destino dado.

Mas o que a eles não toca  
É a Magia que evoca  
O Longe e faz dele história.  
E por isso a sua glória  
É justa auréola dada  
Por uma luz emprestada.

#### VII. OCIDENTE

Com duas mãos — o Ato e o Destino —  
Desvendamos. No mesmo gesto, ao céu  
Uma ergue o fecho trêmulo e divino  
E a outra afasta o véu.

Fosse a hora que haver ou a que havia  
A mão que ao Ocidente o véu rasgou,  
Foi a alma a Ciência e corpo a Ousadia  
Da mão que desvendou.

Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal  
A mão que ergueu o facho que luziu,  
Foi Deus a alma e o corpo Portugal  
Da mão que o conduziu.

#### VIII. FERNÃO DE MAGALHÃES

No vale clareia uma fogueira.  
Uma dança sacode a terra inteira.  
E sombras disformes e descompostas  
Em clarões negros do vale vão  
Subitamente pelas encostas,  
Indo perder-se na escuridão.

De quem é a dança que a noite aterra?  
São os Titãs, os filhos da Terra,  
Que dançam na morte do marinheiro  
Que quis cingir o materno vulto  
— Cingiu-o, dos homens, o primeiro —,  
Na praia ao longe por fim sepulto.

Dançam, nem sabem que a alma ousada  
Do morto ainda comanda a armada,  
Pulso sem corpo ao leme a guiar  
As naus no resto do fim do espaço:  
Que até ausente soube cercar

A terra inteira com seu abraço.

Violou a Terra. Mas eles não  
O sabem, e dançam na solidão;  
E sombras disformes e descompostas,  
Indo perder-se nos horizontes,  
Galgam do vale pelas encostas  
Dos mudos montes.

#### IX. ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA

Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra  
Suspêndem de repente o ódio da sua guerra  
E pasmam. Pelo vale onde se ascende aos céus  
Surge um silêncio, e vai, da névoa ondeando os véus,  
Primeiro um movimento e depois um assombro.  
Ladeiam-no, ao durar, os medos, ombro a ombro,  
E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões.

Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta  
Cai-lhe, e em êxtasevê, à luz de mil trovões,  
O céu abrir o abismo à alma do Argonauta.

#### X. MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

#### XI. A ÚLTIMA NAU

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,  
E erguendo, como um nome, alto o pendão  
Do Império,  
Foi-se a última nau, ao sol aziago  
Erma, e entre choros de ânsia e de pressago  
Mistério.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta  
Aportou? Voltará da sorte incerta

Que teve?  
Deus guarda o corpo e a forma do futuro,  
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro  
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,  
Mais a minha alma atlântica se exalta  
E entorna,  
E em mim, num mar que não tem tempo ou 'spaço,  
Vejo entre a cerração seu vulto baço  
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que há a hora,  
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora  
Mistério.  
Surges ao sol em mim, e a névoa finda:  
A mesma, e trazes o pendão ainda  
Do Império.

## XII. PRECE

Senhor, a noite veio e a alma é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,  
O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,  
Se ainda há vida ainda não é finda.  
O frio morto em cinzas a ocultou:  
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem — ou desgraça ou ânsia —  
Com que a chama do esforço se remoça,  
E outra vez conquistaremos a Distância —  
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

## TERCEIRA PARTE: O ENCOBERTO

*Pax in excelsis.*

### I. OS SÍMBOLOS

#### PRIMEIRO / D. SEBASTIÃO

'Sperai! Cai no areal e na hora adversa  
Que Deus concede aos seus  
Para o intervalo em que esteja a alma imersa  
Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura  
Se com Deus me guardei?

É O que eu me sonhei que eterno dura  
É Esse que regressarei.

#### SEGUNDO / O QUINTO IMPÉRIO

Triste de quem vive em casa,  
Contente com o seu lar,  
Sem que um sonho, no erguer de asa  
Faça até mais rubra a brasa  
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!  
Vive porque a vida dura.  
Nada na alma lhe diz  
Mais que a lição da raiz  
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem  
No tempo que em eras vem.  
Ser descontente é ser homem.  
Que as forças cegas se domem  
Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro  
Tempos do ser que sonhou,  
A terra será teatro  
Do dia claro, que no atro  
Da erma noite começou.

Grécia, Roma, Cristandade,  
Europa — os quatro se vão  
Para onde vai toda idade.  
Quem vem viver a verdade  
Que morreu D. Sebastião?

#### TERCEIRO / O DESEJADO

Onde quer que, entre sombras e dizeres,  
Jazas, remoto, sente-te sonhado,  
E ergue-te do fundo de não-seres  
Para teu novo fado!

Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo,  
Mas já no auge da suprema prova,  
A alma penitente do teu povo  
À Eucaristia Nova.

Mestre da Paz, ergue teu gládio ungido,  
Excalibur do Fim, em jeito tal  
Que sua Luz ao mundo dividido

Revele o Santo Graal!

#### QUARTO / AS ILHAS AFORTUNADAS

Que voz vem no som das ondas  
Que não é a voz do mar?  
E a voz de alguém que nos fala,  
Mas que, se escutarmos, cala,  
Por ter havido escutar.

E só se, meio dormindo,  
Sem saber de ouvir ouvimos  
Que ela nos diz a esperança  
A que, como uma criança  
Dormente, a dormir sorrimos.

São ilhas afortunadas  
São terras sem ter lugar,  
Onde o Rei mora esperando.  
Mas, se vamos despertando  
Cala a voz. e há só o mar.

#### QUINTO / O ENCOBERTO

Que símbolo fecundo  
Vem na aurora ansiosa?  
Na Cruz Morta do Mundo  
A Vida, que é a Rosa.

Que símbolo divino  
Traz o dia já visto?  
Na Cruz, que é o Destino,  
A Rosa que é o Cristo.

Que símbolo final  
Mostra o sol já desperto?  
Na Cruz morta e fatal  
A Rosa do Encoberto.

#### II. OS AVISOS

##### PRIMEIRO / O BANDARRA

Sonhava, anônimo e disperso,  
O Império por Deus mesmo visto,  
Confuso como o Universo  
E plebeu como Jesus Cristo.

Não foi nem santo nem herói,  
Mas Deus sagrou com Seu sinal

Este, cujo coração foi  
Não português, mas Portugal.

##### SEGUNDO / ANTÓNIO VIEIRA

O céu 'strela o azul e tem grandeza.  
Este, que teve a fama e à glória tem,  
Imperador da língua portuguesa,  
Foi-nos um céu também.

No imenso espaço seu de meditar,  
Constelado de forma e de visão,  
Surge, prenúncio claro do luar,  
El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do etéreo.  
É um dia, e, no céu amplo de desejo,  
A madrugada irreal do Quinto Império  
Doira as margens do Tejo.

##### TERCEIRO

'Screvo meu livro à beira-mágoa.  
Meu coração não tem que ter.  
Tenho meus olhos quentes de água.  
Só tu, Senhor, me dás viver.

Só te sentir e te pensar  
Meus dias víacos enche e doura.  
Mas quando quererás voltar?  
Quando é o Rei? Quando é a Hora?

Quando virás a ser o Cristo  
De a quem morreu o falso Deus,  
E a despertar do mal que existo  
A Nova Terra e os Novos Céus?

Quando virás, ó Encoberto,  
Sonho das eras português,  
Tornar-me mais que o sopro incerto  
De um grande anseio que Deus fez?

Ah, quando quererás voltando,  
Fazer minha esperança amor?  
Da névoa e da saudade quando?  
Quando, meu Sonho e meu Senhor?

#### III. OS TEMPOS

##### PRIMEIRO / NOITE

A nau de um deles tinha-se perdido  
No mar indefinido.  
O segundo pediu licença ao Rei  
De, na fé e na lei  
Da descoberta, ir em procura  
Do irmão no mar sem fim e a névoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo  
Volveu do fim profundo  
Do mar ignoto à pátria por quem dera  
O enigma que fizera.  
Então o terceiro a El-Rei rogou  
Licença de os buscar, e El-Rei negou.

Como a um cativeiro, o ouvem a passar  
Os servos do solar.  
E, quando o vêem, vêem a figura  
Da febre e da amargura,  
Com fixos olhos rasos de ânsia  
Fitando a proibida azul distância.

Senhor, os dois irmãos do nosso Nome  
— O Poder e o Renome —  
Ambos se foram pelo mar da idade  
À tua eternidade;  
E com eles de nós se foi  
O que faz a alma poder ser de herói.  
Queremos ir buscá-los, desta vil  
Nossa prisão servil:  
É a busca de quem somos, na distância  
De nós; e, em febre de ânsia,  
A Deus as mãos alçamos.

Mas Deus não dá licença que partamos.

#### SEGUNDO / TORMENTA

Que jaz no abismo sob o mar que se ergue?  
Nós, Portugal, o poder ser.  
Que inquietação do fundo nos soergue?  
O desejar poder querer.

Isto, e o mistério de que a noite é o fausto...  
Mas súbito, onde o vento ruge,  
O relâmpago, farol de Deus, um hausto  
Brilha e o mar 'scuro 'struge.

#### TERCEIRO / CALMA

Que costa é que as ondas contam  
E se não pode encontrar  
Por mais naus que haja no mar?  
O que é que as ondas encontram  
E nunca se vê surgindo?  
Este som de o mar praiar  
Onde é que está existindo?

Ilha próxima e remota,  
Que nos ouvidos persiste,  
Para a vista não existe.  
Que nau, que armada, que frota  
Pode encontrar o caminho  
A praia onde o mar insiste,  
Se à vista o mar é sozinho?

Haverá rasgões no espaço  
Que dêem para outro lado,  
E que, um deles encontrado,  
Aqui, onde há só sargazo,  
Surja uma ilha velada,  
O país afortunado  
Que guarda o Rei desterrado  
Em sua vida encantada?

#### QUARTO / ANTEMANHÃ

O mostrengo que está no fim do mar  
Veio das trevas a procurar  
A madrugada do novo dia  
Do novo dia sem acabar  
E disse: Quem é que dorme a lembrar  
Que desvendou o Segundo Mundo  
Nem o Terceiro quere desvendar?

E o som na treva de ele rodar  
Faz mau o sono, triste o sonhar,  
Rodou e foi-se o mostrengo servo  
Que seu senhor veio aqui buscar.  
Que veio aqui seu senhor chamar —  
Chamar Aquele que está dormindo  
E foi outrora Senhor do Mar.

#### QUINTO/NEVOEIRO

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,  
Define com perfil e ser  
Este fulgor baço da terra  
Que é Portugal a entristecer -  
Brilho sem luz e sem arder,

Como o que o fogo-fátuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.

Ninguém conhece que alma tem,

Nem o que é mal nem o que é bem.

(Que ânsia distante perto chora?)

Tudo é incerto e derradeiro.

Tudo é disperso, nada é inteiro.

Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a Hora!

VALETE, FRATRES!

\*\*\*

### **FERNANDO PESSOA-ÁLVARO DE CAMPOS [1890-1935]**

#### **ODE TRIUNFAL (1914)**

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica  
Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,  
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r-r eterno!  
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!  
Em fúria fora e dentro de mim,  
Por todos os meus nervos dissecados fora,  
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!  
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,  
De vos ouvir demasiadamente de perto,  
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso  
De expressão de todas as minhas sensações,  
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical -  
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força -  
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,  
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro  
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes eléctricas  
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,  
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,  
Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,  
Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,

Rugindo, rangendo, cicando, estrugindo, ferreando,  
Fazendo-me um acesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!

Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!

Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,

Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento

A todos os perfumes de óleos e calores e carvões

Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

Fraternidade com todas as dinâmicas!

Promiscua fúria de ser parte-agente

Do rodar ferreo e cosmopolita

Dos comboios estrénuos,

Da faina transportadora-de-cargas dos navios,

Do giro lubrifico e lento dos guindastes,

Do tumulto disciplinado das fábricas,

E do quase-silêncio ciciante e monótono das correias de transmissão!

Horas europeias, produtoras, entaladas

Entre maquinismos e afazeres úteis!

Grandes cidades paradas nos cafés,

Nos cafés - oásis de inutilidades ruidosas

Onde se cristalizam e se precipitam

Os rumores e os gestos do Útil

E as rodas, e as rodas-dentadas e as chumaceiras do Progressivo!

Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares!

Novos entusiasmos de estatura do Momento!

Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas às docas,

Ou a seco, erguidas, nos planos-inclinados dos portos!

Actividade internacional, transatlântica, Canadian-Pacific!

Luzes e febris perdas de tempo nos bares, nos hotéis,

Nos Longchamps e nos Derbies e nos Ascots,

E Piccadillies e Avenues de L'Opéra que entram

Pela minh'alma dentro!

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!

Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!

Comerciantes; vários; escrocs exageradamente bem-vestidos;

Membros evidentes de clubes aristocráticos;

Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes

E paternais até na corrente de oiro que atravessa o colete

De algibeira a algibeira!

Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!

Presença demasiadamente acentuada das cocotes

Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)

Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,

Que andam na rua com um fim qualquer;

A graça feminil e falsa dos pederastas que passam, lentos;

E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra  
E afinal tem alma lá dentro!

(Ah, como eu desejaria ser o souteneur disto tudo!)

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,  
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,  
Agressões políticas nas ruas,  
E de vez em quando o cometa dum regicídio  
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus  
Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!

Notícias desmentidas dos jornais,  
Artigos políticos insinceramente sinceros,  
Notícias passez à-la-caisse, grandes crimes -  
Duas colunas deles passando para a segunda página!  
O cheiro fresco a tinta de tipografia!  
Os cartazes postos há pouco, molhados!  
Vents-de-paraître amarelos como uma cinta branca!  
Como eu vos amo a todos, a todos, a todos,  
Como eu vos amo de todas as maneiras,  
Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto  
E com o tacto (o que palpar-vos representa para mim!)  
E com a inteligência como uma antena que fazeis vibrar!  
Ah, como todos os meus sentidos têm cio de vós!

Adubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura!  
Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!  
O mostruários dos caixeiros-viajantes,  
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,  
Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!

Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó últimos figurinos!  
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!  
Olá grandes armazéns com várias secções!  
Olá anúncios eléctricos que vêm e estão e desaparecem!  
Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se é diferente de ontem!  
Eh, cimento armado, beton de cimento, novos processos!  
Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!  
Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!  
Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.  
Amo-vos carnívoramente.  
Pervertidamente e enroscando a minha vista  
Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,  
Ó coisas todas modernas,  
Ó minhas contemporâneas, forma actual e próxima  
Do sistema imediato do Universo!  
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,  
Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes -  
Na minha mente turbulenta e incandescida  
Possuo-vos como a uma mulher bela,  
Completamente vos posso como a uma mulher bela que não se ama,  
Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!  
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!  
Eh-lá-hô recomposições ministeriais!  
Parlamentos, políticas, relatores de orçamentos,  
Orçamentos falsificados!  
(Um orçamento é tão natural como uma árvore  
E um parlamento tão belo como uma borboleta).

Eh-lá o interesse por tudo na vida,  
Porque tudo é a vida, desde os brilhantes nas montras  
Até à noite ponte misteriosa entre os astros  
E o mar antigo e solene, lavando as costas  
E sendo misericordiosamente o mesmo  
Que era quando Platão era realmente Platão  
Na sua presença real e na sua carne com a alma dentro,  
E falava com Aristóteles, que havia de não ser discípulo dele.

Eu podia morrer triturado por um motor  
Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída.  
Atirem-me para dentro das fornalhas!  
Metam-me debaixo dos comboios!  
Espanquem-me a bordo de navios!  
Masoquismo através de maquinismos!  
Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!

Up-lá hó jockey que ganhaste o Derby,  
Morder entre dentes o teu cap de duas cores!

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!  
Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!  
Deixaí-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas.

E ser levado da rua cheio de sangue  
Sem ninguém saber quem eu sou!

Ó tramways, funiculares, metropolitanos,  
Roçai-vos por mim até ao espasmo!  
Hilla! hilla! hillah-hó!  
Dai-me gargalhadas em plena cara,  
Ó automóveis apinhados de pândegos e de...,  
Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das ruas,

Rio multicolor anónimo e onde eu me posso banhar como quereria!  
Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!  
Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,  
As dissensões domésticas, os debouches que não se suspeitam,  
Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto  
E os gestos que faz quando ninguém pode ver!

Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,  
Ó raiva que como uma febre e um cão e uma fome  
Me põe a magro o rosto e me agita às vezes as mãos  
Em crismações absurdas em pleno meio das turbas  
Nas ruas cheias de encontrões!

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,  
Que emprega palavrões como palavras usuais,  
Cujos filhos roubam às portas das mercearias  
E cujas filhas aos oito anos - e eu acho isto belo e amo-o! -  
Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de escada.  
A gentalha que anda pelos andaiques e que vai para casa  
Por vielas quase irreais de estreiteza e podridão.  
Maravilhosamente gente humana que vive como os cães  
Que está abaixo de todos os sistemas morais,  
Para quem nenhuma religião foi feita,  
Nenhuma arte criada,  
Nenhuma política destinada para eles!  
Como eu vos amo a todos, porque sois assim,  
Nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem maus,  
Inatingíveis por todos os progressos,  
Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!

(Na hora do quintal da minha casa  
O burro anda à roda, anda à roda,  
E o mistério do mundo é do tamanho disto.  
Limpa o suor com o braço, trabalhador descontente.  
A luz do sol abafa o silêncio das esferas  
E havemos todos de morrer,  
Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,  
Pinheirais onde a minha infância era outra coisa  
Do que eu sou hoje...)

Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante!  
Outra vez a obsessão movimentada dos ônibus.  
E outra vez a fúria de estar indo ao mesmo tempo dentro de todos os comboios  
De todas as partes do mundo,  
De estar dizendo adeus de bordo de todos os navios,  
Que a estas horas estão levantando ferro ou afastando-se das docas.  
Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de ferro ondulado!  
Ó cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes, ó rebocadores!

Eh-lá grandes desastres de comboios!  
Eh-lá desabamentos de galerias de minas!

Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!  
Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,  
Alterações de constituições, guerras, tratados, invasões,  
Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,  
A grande invasão dos bárbaros amarelos pela Europa,  
E outro Sol no novo Horizonte!

Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto  
Ao fulgido e rubro ruído contemporâneo,  
Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?  
Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,  
O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,  
O Momento estridentemente ruidoso e mecânico,  
O Momento dinâmico passagem de todas as bacantes  
Do ferro e do bronze e da bebedeira dos metais.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,  
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mímimos,  
Instrumentos de precisão, aparelhos de triturar, de cavar,  
Engenhos brocas, máquinas rotativas!

Eia! eia! eia!  
Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!  
Eia telegraphia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!  
Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!  
Eia todo o passado dentro do presente!  
Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!  
Eia! eia! eia!  
Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!  
Eia! eia! eia! eia-hô-hô-hô!  
Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.  
Engatam-me em todos os comboios.  
Içam-me em todos os cais.  
Giro dentro das hélices de todos os navios.  
Eia! eia-hô! eia!  
Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!  
Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!  
Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o!  
Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!

Londres, 1914 - Junho.

## POEMA EM LINHA RECTA

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.

Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,  
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,  
Indesculpavelmente sujo,  
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,  
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,  
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,  
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,  
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,  
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;  
Eu, que tenho sido cómico às criadas de hotel,  
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,  
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,  
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado,  
Para fora da possibilidade do soco;  
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,  
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo  
Nunca teve um acto ridículo, nunca sofreu enxovalho,  
Nunca foi senão príncipe — todos eles príncipes — na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana  
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;  
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!  
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.  
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?  
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!  
Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e erróneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado,  
Podem ter sido traídos — mas ridículos nunca!  
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,  
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?  
Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,  
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

## SAUDAÇÃO A WALT WHITMAN [Trecho]

[...]

Abram-me todas as portas!  
Por força que hei-de passar!  
Minha senha? Walt Whitman!  
Mas não dou senha nenhuma...  
Passo sem explicações...  
Se for preciso meto dentro as portas...  
Sim — eu franzino e civilizado, meto dentro as portas,  
Porque neste momento não sou franzino nem civilizado,  
Sou EU, um universo pensante de carne e osso, querendo passar,  
E que há-de passar por força, porque quando quero passar sou Deus!

Tirem esse lixo da minha frente!  
Metam-me em gavetas essas emoções!  
Daqui p'ra fora, políticos, literatos,  
Comerciantes pacatos, polícia, meretrizes, souteneurs,  
Tudo isso é a letra que mata, não o espírito que dá a vida.  
O espírito que dá a vida neste momento sou EU!

Que nenhum filho da puta se me atravessasse no caminho!  
O meu caminho é pelo infinito fora até chegar ao fim!  
Se sou capaz de chegar ao fim ou não, não é contigo, deixa-me ir...  
É comigo, com Deus, com o sentido-eu da palavra Infinito...  
Prá frente!

Meto esporas!  
Sinto as esporas, sou o próprio cavalo em que monto,  
Porque eu, por minha vontade de me consubstanciar com Deus,  
Posso ser tudo, ou posso ser nada, ou qualquer coisa,  
Conforme me der na gana... Ninguém tem nada com isso...  
Loucura furiosa! Vontade de ganir, de saltar,  
De urrar, zurrar, dar pulos, pinotes, gritos com o corpo,

[...]

## ODE MARÍTIMA (1915)

Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de Verão,  
Olho pro lado da barra, olho pro Indefinido,  
Olho e contenta-me ver,  
Pequeno, negro e claro, um paquete entrando.  
Vem muito longe, nítido, clássico à sua maneira.  
Deixa no ar distante atrás de si a orla vã do seu fumo.  
Vem entrando, e a manhã entra com ele, e no rio,  
Aqui, acolá, acorda a vida marítima,  
Erguem-se velas, avançam rebocadores,  
Surgem barcos pequenos detrás dos navios que estão no porto.

Há uma vaga brisa.  
Mas a minh'alma está com o que vejo menos.  
Com o paquete que entra,  
Porque ele está com a Distância, com a Manhã,  
Com o sentido marítimo desta Hora,  
Com a doçura dolorosa que sobe em mim como uma náusea,  
Como um começar a enjoar, mas no espírito.

Olho de longe o paquete, com uma grande independência de alma,  
E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente.

Os paquetes que entram de manhã na barra  
Trazem aos meus olhos consigo  
O mistério alegre e triste de quem chega e parte.  
Trazem memórias de cais afastados e outros momentos  
Doutro modo da mesma humanidade outros pontos.  
Todo o atracar, todo o largar de navio,  
É - sinto-o em mim como o meu sangue -  
Inconscientemente simbólico, terrivelmente  
Ameaçador de significações metafísicas  
Que perturbam em mim quem eu fui...

Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!  
E quando o navio larga do cais  
E se repara de repente que se abriu um espaço  
Entre o cais e o navio,  
Vem-me, não sei porquê, uma angústia recente,  
Uma névoa de sentimentos de tristeza  
Que brilha ao sol das minhas angústias relvadas  
Como a primeira janela onde a madrugada bate,  
E me envolve com uma recordação duma outra pessoa  
Que fosse misteriosamente minha.

Ah, quem sabe, quem sabe,  
Se não parti outrora, antes de mim,  
Dum cais; se não deixei, navio ao sol  
Oblíquo da madrugada,  
Uma outra espécie de porto?  
Quem sabe se não deixei, antes de a hora  
Do mundo exterior como eu o vejo  
Raiar-se para mim,  
Um grande cais cheio de pouca gente,  
Duma grande cidade meio-desperta,  
Duma enorme cidade comercial, crescida, apopléctica,  
Tanto quanto isso pode ser fora do Espaço e do Tempo?

Sim, dum cais, dum cais algum modo material,  
Real, visível como cais, cais realmente,  
O Cais Absoluto por cujo modelo inconscientemente imitado,  
Insensivelmente evocado,

Nós os homens construímos  
Os nossos cais de pedra actual sobre água verdadeira,  
Que depois de construídos se anunciam de repente  
Coisas-Reais, Espíritos-Coisas, Entidades em Pedra-Almas,  
A certos momentos nossos de sentimento-raiz  
Quando no mundo-exterior como que se abre uma porta  
E, sem que nada se altere,  
Tudo se revela diverso.

Ah o Grande Cais donde partimos em Navios-Nações!  
O Grande Cais Anterior, eterno e divino!  
De que porto? Em que águas? E porque penso eu isto?  
Grandes Cais como os outros cais, mas o Único.  
Cheio como eles de silêncios rumorosos nas antemanhãs,  
E desabrochando com as manhãs num ruído de guindastes  
E chegadas de comboios de mercadorias,  
E sob a nuvem negra e ocasional e leve  
Do fundo das chaminés das fábricas próximas  
Que lhe sombreia o chão preto de carvão pequenino que brilha,  
Como se fosse a sombra duma nuvem que passasse sobre água sombria.

Ah, que essencialidade de mistério e sentido parados  
Em divino êxtase revelador  
Às horas cor de silêncios e angústias  
Não é ponte entre qualquer cais e O Cais!

Cais negramente reflectido nas águas paradas,  
Bulício a bordo dos navios,  
Ó alma errante e instável da gente que anda embarcada,  
Da gente simbólica que passa e com quem nada dura,  
Que quando o navio volta ao porto  
Há sempre qualquer alteração a bordo!

Ó fugas contínuas, idas, ebriedade do Diverso!  
Alma eterna dos navegadores e das navegações!  
Cascos reflectidos devagar nas águas,  
Quando o navio larga do porto!  
Flutuar como alma da vida, partir como voz,  
Viver o momento tremulamente sobre águas eternas.  
Acordar para dias mais directos que os dias da Europa.  
Ver portos misteriosos sobre a solidão do mar,  
Virar cabos longínquos para súbitas vastas paisagens  
Por inumeráveis encostas atónitas...

Ah, as praias longínquas, os cais vistos de longe,  
E depois as praias próximas, os cais vistos de perto.  
O mistério de cada ida e de cada chegada,  
A dolorosa instabilidade e incompreensibilidade  
Deste impossível universo  
A cada hora marítima mais na própria pele sentido!

O soluço absurdo que as nossas almas derramam  
Sobre as extensões de mares diferentes com ilhas ao longe,  
Sobre as ilhas longínquas das costas deixadas passar,  
Sobre o crescer nítido dos portos, com as suas casas e a sua gente,  
Para o navio que se aproxima.

Ah, a frescura das manhãs em que se chega,  
E a palidez das manhãs em que se parte,  
Quando as nossas entranhas se arrepanham  
E uma vaga sensação parecida com um medo  
- O medo ancestral de se afastar e partir,  
O misterioso receio ancestral à Chegada e ao Novo -  
Encolhe-nos a pele e agonia-nos,  
E todo o nosso corpo angustiado sente,  
Como se fosse a nossa alma,  
Uma inexplicável vontade de poder sentir isto doutra maneira:  
Uma saudade a qualquer coisa,  
Uma perturbação de afeições a que vaga pátria?  
A que costa? a que navio? a que cais?  
Que se adoece em nós o pensamento,  
E só fica um grande vácuo dentro de nós,  
Uma oca saciedade de minutos marítimos,  
E uma ansiedade vaga que seria tédio ou dor  
Se soubesse como sê-lo...

A manhã de Verão está, ainda assim, um pouco fresca.  
Um leve torpor de noite anda ainda no ar sacudido.  
Acelera-se ligeiramente o volante dentro de mim.  
E o paquete vem entrando, porque deve vir entrando sem dúvida,  
E não porque eu o veja mover-se na sua distância excessiva.

Na minha imaginação ele está já perto e é visível  
Em toda a extensão das linhas das suas vigias.  
E treme em mim tudo, toda a carne e toda a pele,  
Por causa daquela criatura que nunca chega em nenhum barco  
E eu vim esperar hoje ao cais, por um mandado oblíquo.

Os navios que entram a barra,  
Os navios que saem dos portos,  
Os navios que passam ao longe  
(Suponho-me vendo-os duma praia deserta) -  
Todos estes navios abstractos quase na sua ida  
Todos estes navios assim comovem-me como se fossem outra coisa  
E não apenas navios, navios indo e vindo.

E os navios vistos de perto, mesmo que se não vá embarcar neles,  
Vistos de baixo, dos botes, muralhas altas de chapas,  
Vistos dentro, através das câmaras, das salas, das despensas,  
Olhando de perto os mastros, afilando-se lá pro alto,  
Roçando pelas cordas, descendo as escadas incômodas,

Cheirando a untada mistura metálica e marítima de tudo aquilo -  
Os navios vistos de perto são outra coisa e a mesma coisa,  
Dão a mesma saudade e a mesma ânsia doutra maneira.

Toda a vida marítima! tudo na vida marítima!  
Insinua-se no meu sangue toda essa sedução fina  
E eu cismo indeterminadamente as viagens.  
Ah, as linhas das costas distantes, achatadas pelo horizonte!  
Ah, os cabos, as ilhas, as praias areentas!  
As solidões marítimas como certos momentos no Pacífico  
Em que não sei por que sugestão aprendida na escola  
Se sente pesar sobre os nervos o facto de que aquele é o maior dos oceanos  
E o mundo e o sabor das coisas tornam-se um deserto dentro de nós!  
A extensão mais humana, mais salpicada, do Atlântico!  
O Índico, o mais misterioso dos oceanos todos!  
O Mediterrâneo, doce, sem mistério nenhum, clássico, um mar para bater  
De encontro a esplanadas olhadas de jardins próximos por estátuas brancas!  
Todos os mares, todos os estreitos, todas as baías, todos os golfos,  
Queria apertá-los ao peito, senti-los bem e morrer!

E vós, ó coisas navais, meus velhos brinquedos de sonho!  
Componde fora de mim a minha vida interior!  
Quilhas, mastros e velas, rodas do leme, cordagens,  
Chaminés de vapores, hélices, gáveas, flâmulas,  
Galdropes, escotilhas, caldeiras, colectores, válvulas;  
Caí, por mim dentro em montão, em monte,  
Como o conteúdo confuso de uma gaveta despejada no chão!  
Sede vós o tesouro da minha avareza febril,  
Sede vós os frutos da árvore da minha imaginação,  
Tema de cantos meus, sangue nas veias da minha inteligência,  
Vosso seja o laço que me une ao exterior pela estética,  
Fornece-me metáforas imagens, literatura,  
Porque em real verdade, a sério, literalmente,  
Minhas sensações são um barco de quilha prò ar,  
Minha imaginação uma âncora meio submersa,  
Minha ânsia um remo partido,  
E a tessitura dos meus nervos uma rede a secar na praia!

Soa no acaso do rio um apito, só um.  
Treme já todo o chão do meu psiquismo.  
Acelera-se cada vez mais o volante dentro de mim.

Ah, os paquetes, as viagens, o não-se-saber-o-paradeiro  
De Fulano-de-tal, marítimo, nosso conhecido!  
Ah, a glória de se saber que um homem que andava conosco  
Morreu afogado ao pé duma ilha do Pacífico!  
Nós que andámos com ele vamos falar nisso a todos,  
Com um orgulho legítimo, com uma confiança invisível  
Em que tudo isso tenha um sentido mais belo e mais vasto  
Que apenas o ter-se perdido o barco onde ele ia

E ele ter ido ao fundo por lhe ter entrado água pròs pulmões!

Ah, os paquetes, os navios-carvoeiros, os navios de vela!  
Vão rareando - ai de mim! - os navios de vela nos mares!  
E eu, que amo a civilização moderna, eu que beijo com a alma as máquinas,  
Eu o engenheiro, eu o civilizado, eu o educado no estrangeiro,  
Gostaria de ter outra vez ao pé da minha vista só veleiros e barcos de madeira,  
De não saber doutra vida marítima que a antiga vida dos mares!  
Porque os mares antigos são a Distância Absoluta,  
O Puro Longe, liberto do peso do Actual...  
E ah, como aqui tudo me lembra essa vida melhor,  
Esses mares, maiores, porque se navegava mais devagar.  
Esses mares, misteriosos, porque se sabia menos deles.

Todo o vapor ao longe é um barco de vela perto.  
Todo o navio distante visto agora é um navio no passado visto próximo.  
Todos os marinheiros invisíveis a bordo dos navios no horizonte  
São os marinheiros visíveis do tempo dos velhos navios,  
Da época lenta e veleira das navegações perigosas,  
Da época de madeira e lona das viagens que duravam meses.

Toma-me pouco a pouco o delírio das coisas marítimas,  
Penetram-me fisicamente o cais e a sua atmosfera,  
O marulho do Tejo galga-me por cima dos sentidos,  
E começo a sonhar, começo a envolver-me do sonho das águas,  
Começam a pegar bem as correias-de-transmissão na minh'alma  
E a aceleração do volante sacode-me nitidamente.

Chamam por mim as águas,  
Chamam por mim os mares.  
Chamam por mim, levantando uma voz corpórea, os longes,  
As épocas marítimas todas sentidas no passado, a chamar.

Tu, marinheiro inglês, Jim Barns meu amigo, foste tu  
Que me ensinaste esse grito antiquíssimo, inglês,  
Que tão venenosamente resume  
Para as almas complexas como a minha  
O chamamento confuso das águas,  
A voz inédita e implícita de todas as coisas do mar,  
Dos naufrágios, das viagens longínquas, das travessias perigosas.  
Esse teu grito inglês, tornado universal no meu sangue,  
Sem feitio de grito, sem forma humana nem voz,  
Esse grito tremendo que parece soar  
De dentro dumha caverna cuja abóbada é o céu  
E parece narrar todas as sinistras coisas  
Que podem acontecer no Longe, no Mar, pela Noite...  
(Fingias sempre que era por uma escuna que chamavas,  
E dizias assim, pondo uma mão de cada lado da boca,  
Fazendo porta-voz das grandes mãos curtidas e escuras:

Ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-yyyy...  
Schooner ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò - yyyy...)

Escuto-te de aqui, agora, e desperto a qualquer coisa.  
Estremece o vento. Sobe a manhã. O calor abre.  
Sinto corarem-me as faces.  
Meus olhos conscientes dilatam-se.  
O êxtase em mim levanta-se, cresce avança,  
E com um ruído cego de arruaça acentua-se  
O giro vivo do volante.

Ó clamoroso chamamento  
A cujo calor, a cuja fúria fervem em mim  
Numa unidade explosiva todas as minhas ânsias,  
Meus próprios tédios tornados dinâmicos, todos!...  
Apelo lançado ao meu sangue  
Dum amor passado, não sei onde, que volve  
E ainda tem força para me atrair e puxar,  
Que ainda tem força para me fazer odiar esta vida  
Que passo entre a impenetrabilidade física e psíquica  
Da gente real com que vivo!

Ah seja como for, seja por onde for, partir!  
Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar.  
Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstracta,  
Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,  
Levado, como a poeira, pelos ventos, pelos vendavais!  
Ir, ir, ir, ir de vez!

Todo o meu sangue raiva por asas!  
Todo o meu corpo atira-se pra frente!  
Galgo p'la minha imaginação fora em torrentes!  
Atropelo-me, rujo, precipito-me!...  
Estoiram em espuma as minhas ânsias  
E a minha carne é uma onda dando de encontro a rochedos!

Pensando nisto - ó raiva! pensando nisto - ó fúria!  
Pensando nesta estreiteza da minha vida cheia de ânsias,  
Subitamente, tremulamente, extraorbitadamente,  
Com uma oscilação viciosa, vasta, violenta,  
Do volante vivo da minha imaginação,  
Rompe, por mim, assobiando, silvando, vertiginando,  
O cio sombrio e sádico da estrídula vida marítima.

Eh marinheiros, gajeiros! eh tripulantes, pilotos!  
Navegadores, mareantes, marujos, aventureiros!  
Eh capitães de navios! homens ao leme e em mastros!  
Homens que dormem em beliches rudes!  
Homens que dormem co'o Perigo a espreitar p'las vigias!  
Homens que dormem co'a Morte por travesseiro!

Homens que têm tombadiços, que têm pontes donde olhar  
A imensidade imensa do mar imenso!  
Eh manipuladores dos guindastes de carga!  
Eh amainadores de velas, fogueiros, criados de bordo!

Homens que metem a carga nos porões!  
Homens que enrolam cabos no convés!  
Homens que limpam os metais das escotilhas!  
Homens do leme! homens das máquinas! homens dos mastros!  
Eh-eh-eh-eh-eh-eh!  
Gente de boné de pala! Gente de camisola de malha!  
Gente de âncoras e bandeiras cruzadas bordadas no peito!  
Gente tatuada! gente de cachimbo! gente de amurada!  
Gente escura de tanto sol, crestada de tanta chuva,  
Limpa de olhos de tanta imensidão diante deles,  
Audaz de rosto de tantos ventos que lhes bateram a valer!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!  
Homens que vistes a Patagónia!  
Homens que passastes pela Austrália!  
Que enchestes o vosso olhar de costas que nunca verei!  
Que fostes a terra em terras onde nunca descerei!

Que comprastes artigos toscos em colónias à proa de sertões!  
E fizestes tudo isso como se não fosse nada!

Como se isso fosse natural,  
Como se a vida fosse isso,  
Como nem sequer cumprindo um destino!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh!

Homens do mar actual! homens do mar passado!  
Comissários de bordo! escravos das galés! combatentes de Lepanto!  
Piratas do tempo de Roma! Navegadores da Grécia!  
Fenícios! Cartagineses! Portugueses atirados de Sagres  
Para a aventura indefinida, para o Mar Absoluto, para realizar o Impossível!  
Eh-eh-eh-eh-eh-eh!

Homens que erguestes padrões, que destes nomes a cabos!  
Homens que negociastes pela primeira vez com pretos!

Que primeiro vendestes escravos de novas terras!

Que destes o primeiro espasmo europeu às negras atônitas!  
Que trouxestes ouro, missanga, madeiras cheiroosas, setas,  
De encostas explodindo em verde vegetação!

Homens que saqueastes tranquilas povoações africanas,  
Que fizestes fugir com o ruído de canhões essas raças,  
Que matastes, roubastes, torturastes, ganhastes  
Os prémios de Novidade de quem, de cabeça baixa  
Arremete contra o mistério de novos mares! Eh-eh-eh-eh-eh!  
A vós todos num, a vós todos em vós todos como um,  
A vós todos misturados, entrecruzados,  
A vós todos sangrentos, violentos, odiados, temidos, sagrados,  
Eu vos saúdo, eu vos saúdo, eu vos saúdo!  
Eh-eh-eh-eh eh! Eh eh-eh-eh eh! Eh-eh-eh-eh-eh eh!

Eh lahô-lahô laHO-lahá-á-à-à!

Quero ir convosco, quero ir convosco,  
Ao mesmo tempo com vós todos  
Pra toda a parte pr'onde fostes!  
Quero encontrar vossos perigos frente a frente,  
Sentir na minha cara os ventos que engelharam as vossas.  
Cuspir dos lábios o sal dos mares que beijaram os vossos,  
Ter braços na vossa faina, partilhar das vossas tormentas,  
Chegar como vós, enfim, a extraordinários portos!

Fugir convosco à civilização!  
Perder convosco a noção da moral!  
Sentir mudar-se no longe a minha humanidade!  
Beber convosco em mares do sul  
Novas selvajarias, novas balbúrdias da alma,  
Novos fogos centrais no meu vulcânico espírito!  
Ir convosco, despir de mim - ah! põe-te daqui pra fora! -  
O meu traje de civilizado, a minha brandura de accções,  
Meu medo inato das cadeias,  
Minha pacífica vida,  
A minha vida sentada, estática, regrada e revista!

No mar, no mar, no mar, no mar,  
Eh! pôr no mar, ao vento, às vagas,  
A minha vida!  
Salgar de espuma arremessada pelos ventos  
Meu paladar das grandes viagens.  
Fustigar de água chicoteante as carnes da minha aventura,  
Repassar de frios oceânicos os ossos da minha existência,  
Flagelar, cortar, engelhar de ventos, de espumas, de sóis,  
Meu ser ciclônico e atlântico,  
Meus nervos postos como enxárcias,  
Lira nas mãos dos ventos!

Sim, sim, sim... Crucificai-me nas navegações  
E as minhas espáduas gozarão a minha cruz!  
Atai-me às viagens como a postes  
E a sensação dos postes entrará pela minha espinha  
E eu passarei a senti-los num vasto espasmo passivo!  
Fazei o que quiserdes de mim, logo que seja nos mares,  
Sobre conveses, ao som de vagas,  
Que me rasgueis, mateis, firaí!  
O que quero é levar pra Morte  
Uma alma a transbordar de Mar,  
Ébria a cair das coisas marítimas,  
Tanto dos marujos como das âncoras, dos cabos,  
Tanto das costas longínquas como do ruído dos ventos  
Tanto do Longe como do Cais, tanto dos naufrágios  
Como dos tranquilos comércios,  
Tanto dos mastros como das vagas,

Levar pra Morte com dor, voluptuosamente,  
Um copo cheio de sanguessugas, a sugar, a sugar,  
De estranhas verdes absurdas sanguessugas marítimas!

Façam enxárcias das minhas veias!  
Amarras dos meus músculos!  
Arranquem-me a pele, preguem-a às quilhas.  
E possa eu sentir a dor dos pregos e nunca deixar de sentir!  
Façam do meu coração uma flâmula de almirante  
Na hora de guerra dos velhos navios!

Calquem aos pés nos conveses meus olhos arrancados!  
Quebrem-me os ossos de encontro às amuradas!  
Fustiguem-me atado aos mastros, fustiguem-me!  
A todos os ventos de todas as latitudes e longitudes  
Derramem meu sangue sobre as águas arremessadas  
Que atravessam o navio, o tombadilho, de lado a lado,  
Nas vascas bravas das tormentas!

Ter a audácia ao vento dos panos das velas!  
Ser, como as gáveas altas, o assobio dos ventos!  
A velha guitarra do Fado dos mares cheios de perigos,  
Canção para os navegadores ouvirem e não repetirem!

Os marinheiros que se sublevaram  
Enforcaram o capitão numa verga.  
Desembarcaram um outro numa ilha deserta.  
Marooned!  
O sol dos trópicos pôs a febre da pirataria antiga  
Nas minhas veias intensivas.  
Os ventos da Patagónia tatuaram a minha imaginação  
De imagens trágicas e obscenas.  
Fogo, fogo, fogo, dentro de mim!  
Sangue! sangue! sangue! sangue!  
Explode todo o meu cérebro!  
Parte-se-me o mundo em vermelho!  
Estoiram-me com o som de amarras as veias!  
E estala em mim, feroz, voraz,  
A canção do Grande Pirata,  
A morte berrada do Grande Pirata a cantar  
Até meter pavor plas espinhas dos seus homens abaixo.  
Lá da ré a morrer, e a berrar, a cantar:

Fifteen men on the Dead Man's Chest.  
Yo-ho ho and a bottle of rum!

E depois a gritar, numa voz já irreal, a estoirar no ar:

Darby M'Graw-aw-aw-aw-aw!  
Darby M'Graw-aw-aw-aw-aw!

Fetch a-a-aft the ru-u-u-u-u-u-u-u-um, Darby.

Eia, que vida essa! essa era a vida, eia!  
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!  
Eh-lahô-lahô-laHO-lahá-á-á-à!  
Eh-eh-eh-eh-eh-eh!

Quilhas partidas, navios ao fundo, sangue nos mares!  
Conveses cheios de sangue, fragmentos de corpos!  
Dedos decepados sobre amuradas!  
Cabeças de crianças, aqui, acolá!  
Gente de olhos fora, a gritar, a uivar!  
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!  
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!  
Embrulho-me em tudo isto como uma capa no frio!  
Roço-me por tudo isto como uma gata com cio por um muro!  
Rujo como um leão faminto para tudo isto!  
Arremeto como um toiro louco sobre tudo isto!  
Cravo unhas, parto garras; sangro dos dentes sobre isto!  
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!

De repente estala-me sobre os ouvidos,  
Como um clarim a meu lado,  
O velho grito, mas agora irado, metálico,  
Chamando a presa que se avista,  
A escuna que vai ser tomada:

Ahó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-yyyy...  
Schooner ahó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-yyyy...

O mundo inteiro não existe para mim! Ardo vermelho!  
Rujo na fúria da abordagem!  
Pirata-mor! César-Pirata!  
Pilho, mato, esfacelo, rasgo!

Só sinto o mar, a presa, o saque!  
Só sinto em mim bater, baterem-me  
As veias das minhas fontes!  
Escorre sangue quente a minha sensação dos meus olhos!  
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!

Ah piratas, piratas, piratas!  
Piratas, amai-me e odiai-me!  
Misturai-me convosco, piratas!

Vossa fúria, vossa crueldade como falam ao sangue  
Dum corpo de mulher que foi meu outrora e cujo cio sobrevive!

Eu queria ser um bicho representativo de todos os vossos gestos,  
Um bicho que cravasse dentes nas amuradas, nas quilhas,

Que comesse mastros, bebesse sangue e alcatrão nos conveses,  
Trincasse velas, remos, cordame e poleame,  
Serpente do mar feminina e monstruosa cevando-se nos crimes!

E há uma sinfonia de sensações incompatíveis e análogas.  
Há uma orquestração no meu sangue de balbúrdias de crimes,  
De estrépitos espasmados de orgias de sangue nos mares,  
Furibundamente, como um vendaval de calor pelo espírito,  
Nuvem de poeira quente anuviando a minha lucidez  
E fazendo-me ver e sonhar isto tudo só com a pele e as veias!

Os piratas, a pirataria, os barcos, a hora,  
Aquela hora marítima em que as presas são assaltadas,  
E o terror dos apresados foge pra loucura - essa hora,  
No seu total de crimes, terror, barcos, gente, mar, céu, nuvens,  
Brisa, latitude, longitude, vozaria,  
Queria eu que fosse em seu Todo meu corpo em seu Todo, sofrendo,  
Que fosse meu corpo e meu sangue, compusesse meu ser em vermelho,  
Florescesse como uma ferida comichando na carne irreal da minha alma!

Ah, ser tudo nos crimes! ser todos os elementos componentes  
Dos assaltos aos barcos e das chacinas e das violações!  
Ser quanto foi no lugar dos saques!  
Ser quanto viveu ou jazeu no local das tragédias de sangue!  
Ser o pirata-resumo de toda a pirataria no seu auge,  
E a vítima-síntese, mas de carne e osso, de todos os piratas do mundo!

Ser o meu corpo passivo a mulher-todas-as-mulheres  
Que foram violadas, mortas, feridas, rasgadas pelos piratas!  
Ser no meu ser subjugado a fêmea que tem de ser deles  
E sentir tudo isso - todas estas coisas duma só vez - pela espinha!

Ó meus peludos e rudes heróis da aventura e do crime!  
Minhas marítimas feras, maridos da minha imaginação!  
Amantes casuais da obliquidade das minhas sensações!  
Queria ser Aquela que vos esperasse nos portos,  
A vós, odiados amados do seu sangue de pirata nos sonhos!  
Porque ela teria convosco, mas só em espírito, raivado  
Sobre os cadáveres nus das vítimas que fazeis no mar!  
Porque ela teria acompanhado vosso crime, e na orgia oceânica  
Seu espírito de bruxa dançaria invisível em volta dos gestos  
Dos vossos corpos, dos vossos cutelos, das vossas mãos estranguladoras!

E ela em terra, esperando-vos, quando viésseis, se acaso viésseis,  
Iria beber nos rugidos do vosso amor todo o vasto,  
Todo o nevoento e sinistro perfume das vossas vitórias,  
E através dos vossos espasmos silvaria um sabbat de vermelho e amarelo!

A carne rasgada, a carne aberta e estripada, o sangue correndo!  
Agora, no auge conciso de sonhar o que vós fazéis,

Perco-me todo de mim, já não vos pertenço, sou vós,  
A minha feminilidade que vos acompanha é ser as vossas almas!  
Estar por dentro de toda a vossa ferocidade, quando a praticáveis!  
Sugar por dentro a vossa consciência das vossas sensações  
Quando tingíeis de sangue os mares altos,  
Quando de vez em quando atiráveis aos tubarões  
Os corpos vivos ainda dos feridos, a carne rosada das crianças  
E leváveis as mães às amuradas para verem o que lhes acontecia!

Estar convosco na carnagem, na pilhagem!  
Estar orquestrado convosco na sinfonia dos saques!  
Ah, não sei quê, não sei quanto queria eu ser de vós!  
Não era só ser-vos a fêmea, ser-vos as fêmeas, ser-vos as vítimas,  
Ser-vos as vítimas - homens, mulheres, crianças, navios -,  
Não era só ser a hora e os barcos e as ondas,  
Não era só ser vossas almas, vossos corpos, vossa fúria, vossa posse,  
Não era só ser concretamente vosso acto abstracto de orgia,  
Não era só isto que eu queria ser - era mais que isto, o Deus-isto!  
Era preciso ser Deus, o Deus dum culto ao contrário,  
Um Deus monstruoso e satânico, um Deus dum panteísmo de sangue,  
Para poder encher toda a medida da minha fúria imaginativa,  
Para poder nunca esgotar os meus desejos de identidade  
Com o cada, e o tudo, e o mais-que-tudo das vossas vitórias!

Ah, torturai-me para me curardes!  
Minha carne - fazei dela o ar que os vossos cutelos atravessam  
Antes de caírem sobre as cabeças e os ombros!  
Minhas veias sejam os fatos que as facas trespassam!  
Minha imaginação o corpo das mulheres que violais!  
Minha inteligência o convés onde estais de pé matando!  
Minha vida toda, no seu conjunto nervoso, histérico, absurdo,  
O grande organismo de que cada acto de pirataria que se cometeu  
Fosse uma célula consciente - e todo eu turbilhonasse  
Como uma imensa podridão ondeando, e fosse aquilo tudo!

Com tal velocidade desmedida, pavorosa,  
A máquina de febre das minhas visões transbordantes  
Gira agora que a minha consciência, volante,  
É apenas um nevoento círculo assobiando no ar.

Fifteen men on the Dead Man's Chest  
Yo-ho ho and a bottle of rum!

Eh-lahô-lahô-laHO - láhá-á-ááá - ààà...

Ah! a selvajaria desta selvajaria! Merda  
Pra toda a vida como a nossa, que não é nada disto!  
Eu pra'qui engenheiro, prático à força, sensível a tudo  
Pra'qui parado, em relação a vós, mesmo quando ando;  
Mesmo quando ajo, inerte; mesmo quando me imponho, débil;

Estático, quebrado, dissidente cobarde da vossa Glória,  
Da vossa grande dinâmica estridente, quente e sangrenta!

Arre! por não poder agir de acordo com o meu delírio!  
Arre! por andar sempre agarrado às saias da civilização!  
Por andar com a *douceur des moeurs* às costas, como um fardo de rendas!  
Mocos de esquina - todos nós o somos - do humanitarismo moderno!

Estupores de tísicos, de neurasténicos, de linfáticos,  
Sem coragem para ser gente com violência e audácia,  
Com a alma como uma galinha presa por uma perna!

Ah, os piratas! os piratas!  
A ânsia do ilegal unido ao feroz,  
A ânsia das coisas absolutamente crueis e abomináveis,  
Que rói como um cão abstracto os nossos corpos franzinos,  
Os nossos nervos femininos e delicados,  
E põe grandes febres loucas nos nossos olhares vazios!

Obrigai-me a ajoelhar diante de vós!  
Humilhai-me e batei-me!  
Fazei de mim o vosso escravo e a vossa coisa!  
E que o vosso desprezo por mim nunca me abandone,  
Ó meus senhores! ó meus senhores!

Tomar sempre gloriosamente a parte submissa  
Nos acontecimentos de sangue e nas sensualidades estiradas!  
Desabai sobre mim, como grandes muros pesados,  
Ó bárbaros do antigo mar!

Rasgai-me e feri-me!  
De leste a oeste do meu corpo  
Riscai de sangue a minha carne!

Beijai com cutelos de bordo e açoites e raiva  
O meu alegre terror carnal de vos pertencer.  
A minha ânsia masoquista em me dar à vossa fúria,  
Em ser objecto inerte e sentiente da vossa omnívora crueldade,  
Dominadores, senhores, imperadores, corcéis!  
Ah! que é isto?

Ah, torturai-me,  
Rasgai-me e abri-me!  
Desfeito em pedaços conscientes  
Entornai-me sobre os conveses,  
Espalhai-me nos mares, deixaí-me  
Nas praias ávidas das ilhas!

Cevai sobre mim todo o meu misticismo de vós!  
Cinzelai a sangue a minh'alma  
Cortai, riscai!  
Ó tatuadores da minha imaginação corpórea!  
Esfoladores amados da minha carnal submissão!

Submetei-me como quem mata um cão a pontapés!  
Fazei de mim o poço para o vosso desprezo de domínio!

Fazei de mim as vossas vítimas todas!  
Como Cristo sofreu por todos os homens, quero sofrer  
Por todas as vossas vítimas às vossas mãos,  
Às vossas mãos calosas, sanguentas e de dedos decepados  
Nos assaltos bruscos de amuradas!

Fazei de mim qualquer coisa como se eu fosse  
Arrastado - ó prazer, ó beijada dor! -  
Arrastado à cauda de cavalos chicoteados por vós...  
Mas isto no mar, isto no ma-a-a-ar, isto no MA-A-A-AR!  
Eles devem dizer! Eles devem dizer! ELES ELES ELES ELES ELES MA-A-A-AR!

Yeh eh-eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!  
Grita tudo! tudo a gritar! ventos, vagas, barcos,  
Marés, gáveas, piratas, a minha alma, o sangue, e o ar, e o ar!  
Eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh-eh! Todo canta a gritar!

FIFTEEN MEN ON THE DEAD MAN'S CHEST.  
YO-HO-HO AND A BOTTLE OF RUM!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh! Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh! Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!  
Eh-lahô-lahô-laHO-O-O-ôô-lahá-á - ààà!

AHÓ-Ó-Ó Ó Ó Ó-Ó Ó Ó Ó - yyy!...  
SCHOONER AHÓ-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó - yyyy!...

Darby M'Graw-aw-aw-aw-aw-aw!  
DARBY M'GRAW-AW-AW-AW-AW-AW-AW-AW!  
FETCH A-A-AFT THE RU-U-U-U-U-UM, DARBY!

EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH!

Parte-se em mim qualquer coisa. O vermelho anoteceu.  
Senti demais para poder continuar a sentir.

Esgotou-se-me a alma, ficou só um eco dentro de mim.  
Decresce sensivelmente a velocidade do volante.  
Tiram-me um pouco as mãos dos olhos os meus sonhos.  
Dentro de mim há um só vácuo, um deserto, um mar nocturno.  
E logo que sinto que, há um mar nocturno dentro de mim,  
Sabe dos longes dele, nascente do seu silêncio,  
Outra vez, outra vez o vasto grito antiquíssimo.  
De repente, como um relâmpago de som, que não faz barulho mas ternura.

Subitamente abrangendo todo o horizonte marítimo  
Húmido e sombrio marulho humano nocturno,  
Voz de sereia longínqua chorando, chamando,  
Vem do fundo do Longe, do fundo do Mar, da alma dos Abismos,  
E à tona dele, como algas, bóiam meus sonhos desfeitos...

Ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò - yy...  
Schooner ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò - yy.....

Ah, o orvalho sobre a minha excitação!  
o frescor nocturno no meu oceano interior!  
Eis tudo em mim de repente ante uma noite no mar  
Cheia de enorme mistério humaníssimo das ondas nocturnas.  
A lua sobe no horizonte  
E a minha infância feliz acorda, como uma lágrima, em mim.  
O meu passado ressurge, como se esse grito marítimo  
Fosse um aroma, uma voz, o eco duma canção  
Que fosse chamar ao meu passado  
Por aquela felicidade que nunca mais tornarei a ter.

Era na velha casa sossegada ao pé do rio...  
(As janelas do meu quarto, e as da casa-de-jantar também,  
Davam, por sobre umas casas baixas, para o rio próximo,  
Para o Tejo, este mesmo Tejo, mas noutro ponto, mais abaixo...  
Se eu agora chegasse às mesmas janelas não chegava às mesmas janelas.  
Aquele tempo passou como o fumo dum vapor no mar alto...)

Uma inexplicável ternura,  
Um remorso comovido e lacrimoso,  
Por todas aquelas vítimas - principalmente as crianças -  
Que sonhei fazendo ao sonhar-me pirata antigo,  
Emoção comovida, porque elas foram minhas vítimas;  
Terna e suave, porque não o foram realmente;  
Uma ternura confusa, como um vidro embaciado, azulada,  
Canta velhas canções na minha pobre alma dolorida.

Ah, como pude eu pensar, sonhar aquelas coisas?  
Que longe estou do que fui há uns momentos!  
Histeria das sensações - ora estas, ora as opostas!  
Na loura manhã que se ergue, como o meu ouvido só escolhe  
As coisas de acordo com esta emoção - o marulho das águas,  
O marulho leve das águas do rio de encontro aos cais...,  
A vela passando perto do outro lado do rio,  
Os montes longínquos, dum azul japonês,  
As casas de Almada,  
E o que há de suavidade e de infância na hora matutina!...

Uma gaivota que passa,  
E a minha ternura é maior.

Mas todo este tempo não estive a reparar para nada.  
Tudo isto foi uma impressão só da pele, como uma carícia  
Todo este tempo não tirei os olhos do meu sonho longínquo,  
Da minha casa ao pé do rio,  
Da minha infância ao pé do rio,  
Das janelas do meu quarto dando para o rio de noite,  
E a paz do luar esparsa nas águas!...

Minha velha tia, que me amava por causa do filho que perdeu...,  
Minha velha tia costumava adormecer-me cantando-me  
(Se bem que eu fosse já crescido demais para isso)...  
Lembro-me e as lágrimas caem sobre o meu coração e lavam-no da vida,  
E ergue-se uma leve brisa marítima dentro de mim.  
Às vezes ela cantava a «Nau Catrineta»:

Lá vai a Nau Catrineta  
Por sobre as águas do mar...

E outras vezes, numa melodia muito saudosa e tão medieval,  
Era a «Bela Infanta»... Relembro, e a pobre velha voz ergue-se dentro de mim  
E lembra-me que pouco me lembrei dela depois, e ela amava-me tanto!  
Como fui ingrato para ela - e afinal que fiz eu da vida?  
Era a «Bela Infanta»... Eu fechava os olhos e ela cantava:

Estando a Bela Infanta  
No seu jardim assentada

Eu abria um pouco os olhos e via a janela cheia de luar  
E depois fechava os olhos outra vez, e em tudo isto era feliz.

Estando a Bela Infanta  
No seu jardim assentada,  
Seu pente de ouro na mão,  
Seus cabelos penteava

Ó meu passado de infância, boneco que me partiram!

Não poder viajar pra o passado, para aquela casa e aquela afeição,  
E ficar lá sempre, sempre criança e sempre contente!

Mas tudo isto foi o Passado, lanterna a uma esquina de rua velha.  
Pensar isto faz frio, faz fome duma coisa que se não pode obter.  
Dá-me não sei que remorso absurdo pensar nisto.  
Oh turbilhão lento de sensações desencontradas!  
Vertigem ténue de confusas coisas na alma!  
Fúrias partidas, ternuras como carrinhos de linha com que as crianças brincam,  
Grandes desabamentos de imaginação sobre os olhos dos sentidos,  
Lágrimas, lágrimas inúteis,  
Leves brisas de contradição roçando pela face a alma...

Evoco, por um esforço voluntário, para sair desta emoção.  
Evoco, com um esforço desesperado, seco, nulo,  
A canção do Grande Pirata, quando estava a morrer:

Fifteen men on the Dead Man's Chest.  
Yo-ho-ho and a bottle of rum!

Mas a canção é uma linha recta mal traçada dentro de mim..

Esforço-me e consigo chamar outra vez ante os meus olhos na alma,  
Outra vez, mas através duma imaginação quase literária,  
A fúria da pirataria, da chacina, o apetite, quase o paladar, do saque,  
Da chacina inútil de mulheres e de crianças,  
Da tortura fútil, e só para nos distrairmos, dos passageiros pobres  
E a sensualidade de escangalhar e partir as coisas mais queridas dos outros,  
Mas sonho isto tudo com um medo de qualquer coisa respirar-me sobre a nuca.

Lembro-me de que seria interessante  
Enforcar os filhos à vista das mães  
(Mas sinto-me sem querer as mães deles),  
Enterrar vivas nas ilhas desertas as crianças de quatro anos  
Levando os pais em barcos até lá para verem  
(Mas estremeco, lembrando-me dum filho que não tenho e está dormindo tranquilo em casa).

Aguilhôo uma ânsia fria dos crimes marítimos,  
Duma inquisição sem a desculpa da Fé,  
Crimes nem sequer com razão de ser de maldade e de fúria,  
Feitos a frio, nem sequer para ferir, nem sequer para fazer mal,  
Nem sequer para nos divertirmos, mas apenas para passar o tempo,  
Como quem faz paciências a uma mesa de jantar de província com a toalha atirada pra o  
outro lado da mesa depois de jantar,  
Só pelo suave gosto de cometer crimes abomináveis e não os achar grande coisa,  
De ver sofrer até ao ponto da loucura e da morte-pela-dor mas nunca deixar chegar lá...  
Mas a minha imaginação recusa-se a acompanhar-me.

Nas profundas imaginações ficasse só a acompanhar-me.  
Um calafrio arrepiá-me.  
E de repente, mais de repente do que da outra vez, de mais longe, de mais fundo,  
De repente - oh pavor por todas as minhas veias! -,  
Oh frio repentino da porta para o Mistério que se abriu dentro de mim e deixou entrar uma  
corrente de ar!

Lembro-me de Deus, do Transcendental da vida, e de repente  
A velha voz do marinheiro inglês Jim Barns com quem eu falava,  
Tornada voz das ternuras misteriosas dentro de mim, das pequenas coisas de regaço de  
mãe e de fita de cabelo de irmã,  
Mas estupendamente vinda de além da aparência das coisas,  
A Voz surda e remota tornada A Voz Absoluta, a Voz Sem Boca,  
Vinda de sobre e de dentro da solidão nocturna dos mares,  
Chama por mim, chama por mim, chama por mim...

Vem surdamente, como se fosse suprimida e se ouvisse.

Longinquamente, como se estivesse soando noutro lugar e aqui não se pudesse ouvir,  
Como um soluço abafado, uma luz que se apaga, um hábito silencioso,  
De nenhum lado do espaço, de nenhum local no tempo,  
O grito eterno e nocturno, o sopro fundo e confuso:

Tremo com frio da alma repassando-me o corpo  
E abro de repente os olhos, que não tinha fechado.  
Ah, que alegria a de sair dos sonhos de vez!  
Eis outra vez o mundo real, tão bondoso para os nervos!  
Ei-lo a esta hora matutina em que entram os paquetes que chegam cedo.

Já não me importa o paquete que entrava. Ainda está longe  
Só o que está perto agora me lava a alma.

A minha imaginação higiênica, forte, prática,  
Preocupa-se agora apenas com as coisas modernas e úteis,  
Com os navios de carga, com os paquetes e os passageiros,  
Com as fortes coisas imediatas, modernas, comerciais, verdadeiras.  
Abranda o seu giro dentro de mim o volante.

Maravilhosa vida marítima moderna,  
Toda limpeza, máquinas e saúde!  
Tudo tão bem arranjado, tão espontaneamente ajustado,  
Todas as peças das máquinas, todos os navios pelos mares,  
Todos os elementos da actividade comercial de exportação e importação  
Tão maravilhosamente combinando-se  
Que corre tudo como se fosse por leis naturais,  
Nenhuma coisa esbarrrando com outra!

Nada perdeu a poesia. E agora há a mais as máquinas  
Com a sua poesia também, e todo o novo gênero de vida  
Comercial, mundana, intelectual, sentimental,  
Que a era das máquinas veio trazer para as almas.  
As viagens agora são tão belas como eram dantes  
E um navio será sempre belo, só porque é um navio.  
Viajar ainda é viajar e o longe está sempre onde esteve -  
Em parte nenhuma, gracas a Deus!

Os portos cheios de vapores de muitas espécies!  
Pequenos, grandes, de várias cores, com várias disposições de vigias,  
De tão deliciosamente tantas companhias de navegação!  
Vapores nos portos, tão individuais na separação destacada dos ancoramentos!  
Tão prazenteiro o seu garbo quieto de coisas comerciais que andam no mar,  
No velho mar sempre o homérico, ó Ulisses!  
O olhar humanitário dos faróis na distância da noite,  
Ou o súbito farol próximo na noite muito escura  
(«Que perto da terra que estávamos passando!» E o som da água canta-nos ao ouvido)!

Tudo isto hoje é como sempre foi, mas há o comércio;  
E o destino comercial dos grandes vapores  
Envaidece-me da minha época!  
A mistura de gente a bordo dos navios de passageiros  
Dá-me o orgulho moderno de viver numa época onde é tão fácil  
Misturarem-se as raças, transporem-se os espaços, ver com facilidade todas as coisas,  
E gozar a vida realizando um grande número de sonhos.

Limpos, regulares, modernos como um escritório com guichets em redes de arame amarelo,  
Meus sentimentos agora, naturais e comedidos como gentlemen,  
São práticos, longe de desvairamentos, enchem de ar marítimo os pulmões,  
Como gente perfeitamente consciente de como é higiênico respirar o ar do mar.

O dia é perfeitamente já de horas de trabalho.  
Começa tudo a movimentar-se, a regularizar-se.  
Com um grande prazer natural e directo percorro com a alma  
Todas as operações comerciais necessárias a um embarque de mercadorias  
A minha época é o carimbo que levam todas as facturas,  
E sinto que todas as cartas de todos os escritórios  
Deviam ser endereçadas a mim.

Um conhecimento de bordo tem tanta individualidade,  
E uma assinatura de comandante de navio é tão bela e moderna!  
Rigor comercial do princípio e do fim das cartas:  
Dear Sirs - Messieurs - Amigos e Srs.,  
Yours faithfully - ... nos salutations empressées...  
Tudo isto não é só humano e limpo, mas também belo,  
E tem ao fim um destino marítimo, um vapor onde embarquem  
As mercadorias de que as cartas e as facturas tratam.

Complexidade da vida! As facturas são feitas por gente  
Que tem amores, ódios, paixões políticas, às vezes crimes -  
E são tão bem escritas, tão alinhadas, tão independentes de tudo isso!  
Há quem olhe para uma factura e não senta isto.  
Com certeza que tu, Cesário Verde, o sentias.  
Eu é até às lágrimas que o sinto humaníssimamente.  
Venham dizer-me que não há poesia no comércio, nos escritórios!  
Ora, ela entra por todos os poros... Neste ar marítimo respiro-a,  
Porque tudo isto vem a propósito dos vapores, da navegação moderna,  
Porque as facturas e as cartas comerciais são o princípio da história  
E os navios que levam as mercadorias pelo mar eterno são o fim.

Ah, e as viagens, as viagens de recreio, e as outras,  
As viagens por mar, onde todos somos companheiros dos outros  
Duma maneira especial, como se um mistério marítimo  
Nos aproximasse as almas e nos tornasse um momento  
Patriotas transitórios duma mesma pátria incerta,  
Eternamente deslocando-se sobre a imensidão das águas!  
Grandes hotéis do Infinito, oh transatlânticos meus!

Com o cosmopolitismo perfeito e total de nunca pararem num ponto  
E conterem todas as espécies de trajes, de caras, de raças!

As viagens, os viajantes - tantas espécies deles!  
Tanta nacionalidade sobre o mundo! tanta profissão! tanta gente!  
Tanto destino diverso que se pode dar à vida,  
À vida, afinal, no fundo sempre, sempre a mesma!  
Tantas caras curiosas! Todas as caras são curiosas  
E nada traz tanta religiosidade como olhar muito para gente.  
A fraternidade afinal não é uma ideia revolucionária.  
É uma coisa que a gente aprende pela vida fora, onde tem que tolerar tudo,  
E passa a achar graça ao que tem que tolerar,  
E acaba quase a chorar de ternura sobre o que tolerou!

Ah, tudo isto é belo, tudo isto é humano e anda ligado  
Aos sentimentos humanos, tão conviventes e burgueses.  
Tão complicadamente simples, tão metafisicamente tristes!  
A vida flutuante, diversa, acaba por nos educar no humano.  
Pobre gente! pobre gente toda a gente!

Despeço-me desta hora no corpo deste outro navio  
Que vai agora saindo. É um tramp-steamer inglês,  
Muito sujo, como se fosse um navio francês,  
Com um ar simpático de proletário dos mares,  
E sem dúvida anunciado ontem na última página das gazetas.

Enternece-me o pobre vapor, tão humilde vai ele e tão natural.  
Parece ter um certo escrúpulo não sei em quê, ser pessoa honesta,  
Cumpridora duma qualquer espécie de deveres.  
Lá vai ele deixando o lugar defronte do cais onde estou.  
Lá vai ele tranquilamente, passando por onde as naus estiveram  
Outrora, outrora...  
Para Cardiff? Para Liverpool? Para Londres? Não tem importância.  
Ele faz o seu dever. Assim façamos nós o nosso. Bela vida!  
Boa viagem! Boa viagem!  
Boa viagem, meu pobre amigo casual, que me fizeste o favor  
De levar contigo a febre e a tristeza dos meus sonhos,  
E restituir-me à vida para olhar para ti e te ver passar.  
Boa viagem! Boa viagem! A vida é isto...

Que aprumo tão natural, tão inevitavelmente matutino  
Na tua saída do porto de Lisboa, hoje!  
Tenho-te uma afeição curiosa e grata por isso...  
Por isso quê? Sei lá o que é!... Val... Passa...  
Com um ligeiro estremecimento,  
(T-t---t----t-----t...)  
O volante dentro de mim pára.

Passa, lento vapor, passa e não fiques...  
Passa de mim, passa da minha vista,

Vai-te de dentro do meu coração.  
Perde-te no Longe, no Longe, bruma de Deus,  
Perde-te, segue o teu destino e deixa-me...  
Eu quem sou para que chore e interogue?  
Eu quem sou para que te fale e te ame?  
Eu quem sou para que me perturbe ver-te?  
Larga do cais, cresce o sol, ergue-se ouro,  
Luzem os telhados dos edifícios do cais,  
Todo o lado de cá da cidade brilha...  
Parte, deixa-me, torna-te  
Primeiro o navio a meio do rio, destacado e nítido,  
Depois o navio a caminho da barra, pequeno e preto,  
Depois ponto vago no horizonte (ó minha angústia!),  
Ponto cada vez mais vago no horizonte...,  
Nada depois, e só eu e a minha tristeza,  
E a grande cidade agora cheia de sol  
E a hora real e nua como um cais já sem navios,  
E o giro lento do guindaste que, como um compasso que gira,  
Traça um semicírculo de não sei que emoção  
No silêncio comovido da minh'alma...

## OPIÁRIO

Ao Senhor Mário de Sá-Carneiro

É antes do ópio que a minh'alma é doente.  
Sentir a vida convalesce e estiola,  
E eu vou buscar ao ópio que consola  
Um Oriente ao oriente do Oriente.

Esta vida de bordo há-de matar-me.  
São dias só de febre na cabeça  
E, por mais que procure até que adoeça,  
Já não encontro a mola pra adaptar-me.

Em paradoxo e incompetência astral  
Eu vivo a víncos de ouro a minha vida,  
Onda onde o pundonor é uma descida  
E os próprios gozos gânglios do meu mal.

É por um mecanismo de desastres,  
Uma engrenagem com volantes falsos,  
Que passo entre visões de cadasfalsos  
Num jardim onde há flores no ar, sem hastas.

Vou cambaleando através do lavor  
Duma vida-interior de renda e laca.  
Tenho a impressão de ter em casa a faca  
Com que foi degolado o Precursor.

Ando expiando um crime numa mala,  
Que um avô meu cometeu por requinte.  
Tenho os nervos na forca, vinte a vinte,  
E caí no ópio como numa vala.

Ao toque adormecido da morfina  
Perco-me em transparências latejantes  
E numa noite cheia de brilhantes  
Ergue-se a lua como a minha Sina.

Eu, que fui sempre um mau estudante, agora  
Não faço mais que ver o navio ir  
Pelo canal de Suez a conduzir  
A minha vida, cânfora na aurora.

Perdi os dias que já aproveitara.  
Trabalhei para ter só o cansaço  
Que é hoje em mim uma espécie de braço  
Que ao meu pescoço me sufoca e ampara.

E fui criança como toda a gente.  
Nasci numa província portuguesa  
E tenho conhecido gente inglesa  
Que diz que eu sei inglês perfeitamente.

Gostava de ter poemas e novelas  
Publicados por Plon e no *Mercure*,  
Mas é impossível que esta vida dure,  
Se nesta viagem nem houve procelas!

A vida a bordo é uma coisa triste,  
Embora a gente se divirta às vezes.  
Falo com alemães, suecos e ingleses  
E a minha mágoa de viver persiste.

Eu acho que não vale a pena ter  
Ido ao Oriente e visto a Índia e a China.  
A terra é semelhante e pequenina  
E há só uma maneira de viver.

Por isso eu tomo ópio. É um remédio.  
Sou um convalescente do Momento.  
Moro no rés-do-chão do pensamento  
E ver passar a Vida faz-me tédio.

Fumo. Canso. Ah uma terra aonde, enfim,  
Muito a leste não fosse o oeste já!  
Pra que fui visitar a Índia que há  
Se não há Índia senão a alma em mim?

Sou desgraçado por meu morgadio.  
Os ciganos roubaram minha Sorte.  
Talvez nem mesmo encontre ao pé da morte  
Um lugar que me abrigue do meu frio.

Eu finge que estudei engenharia.  
Vivi na Escócia. Visitei a Irlanda.  
Meu coração é uma avozinha que anda  
Pedindo esmola às portas da Alegria.

Não chegues a Port-Said, navio de ferro!  
Volta à direita, nem eu sei para onde.  
Passo os dias no *smoking-room* com o conde —  
Um escroc francês, conde de fim de enterro.

Volto à Europa descontente, e em sortes  
De vir a ser um poeta sonambúlico.  
Eu sou monárquico mas não católico  
E gostava de ser as coisas fortes.

Gostava de ter crenças e dinheiro,  
Ser vária gente insípida que vi.  
Hoje, afinal, não sou senão, aqui,  
Num navio qualquer um passageiro.

Não tenho personalidade alguma.  
É mais notado que eu esse criado  
De bordo que tem um belo modo alçado  
De *laird* escocês há dias em jejum.

Não posso estar em parte alguma. A minha  
Pátria é onde não estou. Sou doente e fraco.  
O comissário de bordo é velhaco.  
Viu-me co'a sueca... e o resto ele adivinha.

Um dia faço escândalo cá a bordo,  
Só para dar que falar de mim aos mais.  
Não posso com a vida, e acho fatais  
As iras com que às vezes me debordo.

Levo o dia a fumar, a beber coisas,  
Drogas americanas que entontecem,  
E eu já tão bêbado sem nada! Dessem  
Melhor cérebro aos meus nervos como rosas.

Escrevo estas linhas. Parece impossível  
Que mesmo ao ter talento eu mal o sinta!  
O facto é que esta vida é uma quinta  
Onde se aborreça uma alma sensível.

Os ingleses são feitos pra existir.  
Não há gente como esta pra estar feita  
Com a Tranquilidade. A gente deita  
Um vintém e sai um deles a sorrir.

Pertenço a um género de portugueses  
Que depois de estar a Índia descoberta  
Ficaram sem trabalho. A morte é certa.  
Tenho pensado nisto muitas vezes.

Leve o diabo a vida e a gente tê-la!  
Nem leio o livro à minha cabeceira.  
Enoja-me o Oriente. É uma esteira  
Que a gente enrola e deixa de ser bela.

Caio no ópio por força. Lá querer  
Que eu leve a limpo uma vida destas  
Não se pode exigir. Almas honestas  
Com horas pra dormir e pra comer,

Que um raio as parta! E isto afinal é inveja.  
Porque estes nervos são a minha morte.  
Não haver um navio que me transporte  
Para onde eu nada queira que o não veja!

Ora! Eu cansava-me do mesmo modo.  
Queria outro ópio mais forte pra ir de ali  
Para sonhos que dessem cabo de mim  
E pregassem comigo nalgum lodo.

Febre! Se isto que tenho não é febre,  
Não sei como é que se tem febre e sente.  
O facto essencial é que estou doente.  
Está corrida, amigos, esta lebre.

Veio a noite. Tocou já a primeira  
Corneta, pra vestir para o jantar.  
Vida social por cima! Isso! E marchar  
Até que a gente saia pela coleira!

Porque isto acaba mal e há-de haver  
(Olá!) sangue e um revólver lá prò fim  
Deste desassossego que há em mim  
E não há forma de se resolver.

E quem me olhar, há-de-me achar banal,  
A mim e à minha vida... Ora! um rapaz...  
O meu próprio monóculo me faz  
Pertencer a um tipo universal.

Ah quanta alma haverá, que ande metida  
Assim como eu na Linha, e como eu mística!  
Quantos sob a casaca característica  
Não terão como eu o horror à vida?

Se ao menos eu por fora fosse tão  
Interessante como sou por dentro!  
Vou no Maelstrom, cada vez mais prò centro.  
Não fazer nada é a minha perdição.

Um inútil. Mas é tão justo sê-lo!  
Pudesse a gente desprezar os outros  
E, ainda que co'os cotovelos rotos,  
Ser herói, doido, amaldiçoado ou belo!

Tenho vontade de levar as mãos  
À boca e morder nelas fundo e a mal.  
Era uma ocupação original  
E distraía os outros, os tais sãos.

O absurdo, como uma flor da tal Índia  
Que não vim encontrar na Índia, nasce  
No meu cérebro farto de cansar-se.  
A minha vida mude-a Deus ou finde-a...

Deixe-me estar aqui, nesta cadeira,  
Até virem meter-me no caixão.  
Nasci pra mandarim de condição,  
Mas falta-me o sossego, o chá e a esteira.

Ah que bom que era ir daqui de caída  
Prà cova por um alçapão de estouro!  
A vida sabe-me a tabaco louro.  
Nunca fiz mais do que fumar a vida.

E afinal o que quero é fé, é calma,  
E não ter estas sensações confusas.  
Deus que acabe com isto! Abra as elusas —  
E basta de comédias na minh'alma!

*No Canal de Suez, a bordo.*

## **TABACARIA**

Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,  
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é  
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),  
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,  
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,  
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,  
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,  
Com a morte a pôr humidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,  
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.  
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,  
E não tivesse mais irmandade com as coisas  
Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua  
A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada  
De dentro da minha cabeça,  
E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo como quem pensou e achou e esqueceu.  
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo  
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,  
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Falhei em tudo.  
Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.  
A aprendizagem que me deram,  
Desci dela pela janela das traseiras da casa,  
Fui até ao campo com grandes propósitos.  
Mas lá encontrei só ervas e árvores,  
E quando havia gente era igual à outra.  
Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei-de pensar?

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?  
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!  
E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!  
Génio? Neste momento  
Cem mil cérebros se concebem em sonho génios como eu,  
E a história não marcará, quem sabe?, nem um,  
Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.  
Não, não creio em mim.

Em todos os manicómios há doidos malucos com tantas certezas!  
Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos certo?  
Não, nem em mim...  
Em quantas mansardas e não-mansardas do mundo  
Não estão nesta hora génios-para-si-mesmos sonhando?  
Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas —  
Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas —,  
E quem sabe se realizáveis,  
Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de gente?  
O mundo é para quem nasce para o conquistar

E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão.  
Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.  
Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que Cristo,  
Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.  
Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,  
Ainda que não more nela;  
Serei sempre o que não nasceu para isso;  
Serei sempre só o que tinha qualidades;  
Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta  
E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,  
E ouviu a voz de Deus num poço tapado.  
Crer em mim? Não, nem em nada.  
Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente  
O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo,  
E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.  
Escravos cardíacos das estrelas,  
Conquistámos todo o mundo antes de nos levantar da cama;  
Mas acordámos e ele é opaco,  
Levantámo-nos e ele é alheio,  
Saímos de casa e ele é a terra inteira,  
Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.

(Come chocolates, pequena;  
Come chocolates!  
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.  
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.  
Come, pequena suja, come!  
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!  
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folhas de estanho,  
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei  
A caligrafia rápida destes versos,  
Pórtico partido para o Impossível.  
Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo sem lágrimas,  
Nobre ao menos no gesto largo com que atiro  
A roupa suja que sou, sem rol, pra o decurso das coisas,  
E fico em casa sem camisa.

(Tu, que consolas, que não existes e por isso consolas,  
Ou deusa grega, concebida como estátua que fosse viva,  
Ou patrícia romana, impossivelmente nobre e nefasta,  
Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,  
Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,  
Ou cocote célebre do tempo dos nossos pais,  
Ou não sei quê moderno — não concebo bem o quê —,  
Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que inspire!  
Meu coração é um balde despejado.  
Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco  
A mim mesmo e não encontro nada.

Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.  
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,  
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,  
Vejo os cães que também existem,  
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,  
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)

Vivi, estudei, amei, e até cri,  
E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu.  
Olho a cada um os andrajos e as chagas e a mentira,  
E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem amasses nem cresses  
(Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem fazer nada disso);  
Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem cortam o rabo  
E que é rabo para aquém do lagarto remexidamente.

Fiz de mim o que não soube,  
E o que podia fazer de mim não o fiz.  
O dominó que vesti era errado.  
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.  
Quando quis tirar a máscara,  
Estava pegada à cara.  
Quando a tirei e me vi ao espelho,  
Já tinha envelhecido.  
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.  
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário  
Como um cão tolerado pela gerência  
Por ser inofensivo  
E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Essência musical dos meus versos inúteis,  
Quem me dera encontrar-te como coisa que eu fizesse,  
E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,  
Calcando aos pés a consciência de estar existindo,  
Como um tapete em que um bêbado tropeça  
Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.

Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.  
Olhou-o com o desconforto da cabeça mal voltada  
E com o desconforto da alma mal-entendendo.  
Ele morrerá e eu morrerei.  
Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.  
A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.  
Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,  
E a língua em que foram escritos os versos.  
Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.  
Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente  
Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como tabuletas,  
Sempre uma coisa defronte da outra,  
Sempre uma coisa tão inútil como a outra,  
Sempre o impossível tão estúpido como o real,

Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície,  
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.

Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?),  
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.  
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,  
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.

Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los  
E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.  
Sigo o fumo como uma rota própria,  
E gozo, num momento sensitivo e competente,  
A libertação de todas as especulações  
E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto.

Depois deito-me para trás na cadeira  
E continuo fumando.  
Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira  
Talvez fosse feliz.)  
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.

O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).  
Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.  
(O Dono da Tabacaria chegou à porta.)  
Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.  
Acenou-me adeus gritei-lhe *Adeus ó Esteves!*, e o universo  
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.

#### LISBON REVISITED (1923)

Não: não quero nada  
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!  
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!  
Não me falem em moral!  
Tirem-me daqui a metafísica!  
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas  
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) —  
Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.  
Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.  
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?  
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?  
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.  
Assim, como sou, tenham paciência!  
Vão para o diabo sem mim,  
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!  
Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!  
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.  
Já disse que sou sozinho!  
Ah, que maçada quererem que eu seja de companhia!

Ó céu azul — o mesmo da minha infância —  
Eterna verdade vazia e perfeita!  
Ó macio Tejo ancestral e mudo,  
Pequena verdade onde o céu se reflecte!  
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!  
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...  
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

#### ALBERTO CAEIRO-FERNANDO PESSOA [1889-1915]

#### O GUARDADOR DE REBANHOS

##### I

Eu nunca guardei rebanhos,  
Mas é como se os guardasse.  
Minha alma é como um pastor,  
Conhece o vento e o sol  
E anda pela mão das Estações  
A seguir e a olhar.  
Toda a paz da Natureza sem gente  
Vem sentar-se a meu lado.  
Mas eu fico triste como um pôr do Sol  
Para a nossa imaginação,

Quando esfria no fundo da planície  
E se sente a noite entrada  
Como uma borboleta pela janela.

Mas a minha tristeza é sossego  
Porque é natural e justa  
E é o que deve estar na alma  
Quando já pensa que existe  
E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.

Com um ruído de chocalhos  
Para além da curva da estrada,  
Os meus pensamentos são contentes.  
Só tenho pena de saber que eles são contentes,  
Porque, se o não soubesse,  
Em vez de serem contentes e tristes,  
Seriam alegres e contentes.

Pensar incomoda como andar à chuva  
Quando o vento cresce e parece que chove mais.

Não tenho ambições nem desejos.  
Ser poeta não é uma ambição minha.  
É a minha maneira de estar sozinho.

E se desejo às vezes,  
Por imaginar, ser cordeirinho  
(Ou ser o rebanho todo  
Para andar espalhado por toda a encosta  
A ser muita coisa feliz ao mesmo tempo),  
É só porque sinto o que escrevo ao pôr do Sol  
Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz  
E corre um silêncio pela erva fora.

Quando me sento a escrever versos  
Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos,  
Escrevo versos num papel que está no meu pensamento,  
Sinto um cajado nas mãos  
E vejo um recorte de mim  
No cimo dum outeiro,  
Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas ideias,  
Ou olhando para as minhas ideias e vendo o meu rebanho,  
E sorrindo vagamente como quem não comprehende o que se diz  
E quer fingir que comprehende.

Saúdo todos os que me lerem,  
Tirando-lhes o chapéu largo  
Quando me vêem à minha porta  
Mal a diligência levanta no cimo do outeiro.  
Saúdo-os e desejo-lhes sol

E chuva, quando a chuva é precisa,  
E que as suas casas tenham  
Ao pé duma janela aberta  
Uma cadeira predilecta  
Onde se sentem, lendo os meus versos.  
E ao lerem os meus versos pensem  
Que sou qualquer coisa natural —  
Por exemplo, a árvore antiga  
À sombra da qual quando crianças  
Se sentavam com um baque, cansados de brincar,  
E limpavam o suor da testa quente  
Com a manga do bibe riscado.

## II

O meu olhar é nítido como um girassol.  
Tenho o costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita e para a esquerda,  
E de vez em quando olhando para trás...  
E o que vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
E eu sei dar por isso muito bem...  
Sei ter o pasmo essencial  
Que tem uma criança se, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do Mundo...

Creio no Mundo como num malmequer,  
Porque o vejo. Mas não penso nele  
Porque pensar é não compreender...  
O Mundo não se fez para pensarmos nele  
(Pensar é estar doente dos olhos)  
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...  
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,  
Mas porque a amo, e amo-a por isso,  
Porque quem ama nunca sabe o que ama  
Nem sabe porque ama, nem o que é amar...

Amar é a eterna inocência,  
E a única inocência é não pensar...

## V

Há metafísica bastante em não pensar em nada.  
O que penso eu do Mundo?

Sei lá o que penso do Mundo!  
Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que ideia tenho eu das coisas?  
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?  
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma  
E sobre a criação do Mundo?  
Não sei. Para mim, pensar nisso é fechar os olhos  
E não pensar. É correr as cortinas  
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

O mistério das coisas? Sei lá o que é mistério!  
O único mistério é haver quem pense no mistério.  
Quem está ao sol e fecha os olhos,  
Começa a não saber o que é o Sol  
E a pensar muitas coisas cheias de calor.  
Mas abre os olhos e vê o Sol,  
E já não pode pensar em nada,  
Porque a luz do Sol vale mais que os pensamentos  
De todos os filósofos e de todos os poetas.  
A luz do Sol não sabe o que faz  
E por isso não erra e é comum e boa.

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores  
A de serem verdes e copadas e de terem ramos  
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,  
A nós, que não sabemos dar por elas.  
Mas que melhor metafísica que a delas,  
Que é a de não saber para que vivem  
Nem saber que o não sabem?

«Constituição íntima das coisas»...  
«Sentido íntimo do Universo»...  
Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.  
É incrível que se possa pensar em coisas dessas.  
É como pensar em razões e fins  
Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados das árvores  
Um vago ouro lustroso vai perdendo a escuridão.

Pensar no sentido íntimo das coisas  
É acrescentado, como pensar na saúde  
Ou levar um copo à água das fontes.

O único sentido íntimo das coisas  
É elas não terem sentido íntimo nenhum.

Não acredito em Deus porque nunca o vi.  
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,  
Sem dúvida que viria falar comigo  
E entraria pela minha porta dentro

Dizendo-me, *Aqui estou!*

(Isto é talvez ridículo aos ouvidos  
De quem, por não saber o que é olhar para as coisas,  
Não comprehende quem fala delas  
Com o modo de falar que reparar para elas ensina.)

Mas se Deus é as flores e as árvores  
E os montes e sol e o luar,  
Então acredo nele,  
Então acredo nele a toda a hora,  
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,  
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores  
E os montes e o luar e o sol,  
Para que lhe chamo eu Deus?  
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;  
Porque, se ele se fez, para eu o ver,  
Sol e luar e flores e árvores e montes,  
Se ele me aparece como sendo árvores e montes  
E luar e sol e flores,  
É que ele quer que eu o conheça  
Como árvores e montes e flores e luar e sol.

E por isso eu obedeço-lhe,  
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?),  
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,  
Como quem abre os olhos e vê,  
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,  
E amo-o sem pensar nele,  
E penso-o vendo e ouvindo,  
E ando com ele a toda a hora.

## IX

Sou um guardador de rebanhos.  
O rebanho é os meus pensamentos  
E os meus pensamentos são todos sensações.  
Penso com os olhos e com os ouvidos  
E com as mãos e os pés  
E com o nariz e a boca.  
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la  
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor  
Me sinto triste de gozá-lo tanto,  
E me deito ao comprido na erva,  
E fecho os olhos quentes,

Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,  
Sei a verdade e sou feliz

## XV

As quatro canções que seguem  
Separam-se de tudo o que eu penso,  
Mentem a tudo o que eu sinto,  
São do contrário do que eu sou...

Escrevi-as estando doente  
E por isso elas são naturais  
E concordam com aquilo que sinto,  
Concordam com aquilo com que não concordam...  
Estando doente devo pensar o contrário  
Do que penso quando estou sãos.  
(Senão não estaria doente),  
Devo sentir o contrário do que sinto  
Quando sou eu na saúde,  
Devo mentir à minha natureza  
De criatura que sente de certa maneira...  
Devo ser todo doente — ideias e tudo.  
Quando estou doente, não estou doente para outra coisa.

Por isso essas canções que me renegam  
Não são capazes de me renegar  
E são a paisagem da minha alma de noite,  
A mesma ao contrário...

## XXVII

Só a Natureza é divina, e ela não é divina...

Se às vezes falo dela como de um ente  
É que para falar dela preciso usar da linguagem dos homens  
Que dá personalidade às coisas,  
E impõe nome às coisas.

Mas as coisas não têm nome nem personalidade:  
Existem, e o céu é grande e a terra larga,  
E o nosso coração do tamanho de um punho fechado...

Bendito seja eu por tudo quanto não sei.  
Gozo tudo isso como quem sabe que há o sol.

## XXX

Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o.  
Sou místico, mas só com o corpo.  
A minha alma é simples e não pensa.

O meu misticismo é não querer saber,  
É viver e não pensar nisso.

Não sei o que é a Natureza: canto-a.  
Vivo no cimo dum outeiro  
Numa casa caiada e sozinha,  
E essa é a minha definição.

## TU, MÍSTICO, VÊS UMA SIGNIFICAÇÃO EM TODAS AS COISAS [Poemas inconjuntos]

Tu, místico, vês uma significação em todas as coisas.  
Para ti tudo tem um sentido velado.  
Há uma coisa oculta em cada coisa que vês.  
O que vês, vê-lo sempre para veres outra coisa.

Para mim graças a ter olhos só para ver,  
Eu vejo ausência de significação em todas as coisas;  
Vejo-o e amo-me, porque ser uma coisa é não significar nada.  
Ser uma coisa é não ser susceptível de interpretação.

**RICARDO REIS-FERNANDO PESSOA [1887-...]**

## ODES

Mestre, são plácidas  
Todas as horas  
Que nós perdemos.  
Se no perdê-las,

Qual numa jarra,  
Nós pomos flores.  
Não há tristezas  
Nem alegrias

Na nossa vida.  
Assim saibamos,  
Sábios incautos,  
Não a viver,

Mas decorre-la,  
Tranquilos, plácidos,  
Tendo as crianças

Por nossas mestras,

E os olhos cheios  
De Natureza...  
A beira-rio,  
A beira-estrada,

Conforme calha,  
Sempre no mesmo  
Leve descanso  
De estar vivendo.

O tempo passa,  
Não nos diz nada.  
Envelhecemos.  
Saibamos, quase

Maliciosos,  
Sentir-nos ir.  
Não vale a pena  
Fazer um gesto.

Não se resiste  
Ao deus atroz  
Que os próprios filhos  
Devora sempre.

Colhamos flores.  
Molhemos leves  
As nossas mãos  
Nos rios calmos,

Para aprendermos  
Calma também.  
Girassóis sempre  
Fitando o Sol,

Da vida iremos  
Tranquilos, tendo  
Nem o remorso  
De ter vivido.

\*\*\*

Tudo que cessa é morte, e a morte é nossa  
Se é para nós que cessa. Aquele arbusto  
Fenece, e vai com ele  
Parte da minha vida.  
Em tudo quanto olhei fiquei em parte.  
Com tudo quanto vi, se passa, passo,

Nem distingue a memória  
Do que vi do que fui.

\*\*\*

Neera, passeemos juntos  
Só para nos lembrarmos disto...  
Depois quando envelhecermos  
E nem os Deuses puderem  
Dar cor às nossas faces  
E mocidade aos nossos colos,  
Lembremo-nos, à lareira,  
Cheinhos de pesar  
O ter quebrado o fio,  
Lembremo-nos, Neera,  
De um dia ter passado  
Sem nos termos amado...

## **FERNANDO PESSOA-BERNARDO SOARES**

### **LIVRO DO DESASSOSSEGO (Ed. Richard Zenith)**

2.

Tenho que escolher o que detesto — ou o sonho, que a minha inteligência odeia, ou a acção, que a minha sensibilidade repugna; ou a acção, para que não nasci, ou o sonho, para que ninguém nasceu.

Resulta que, como detesto ambos, não escolho nenhum; mas, como hei-de, em certa ocasião, ou sonhar, ou agir, misturo uma coisa com outra.

4.

... e do alto da majestade de todos os sonhos, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa.

Mas o contraste não me esmaga — liberta-me; e a ironia que há nele é sangue meu. O que deveria humilhar-me é a minha bandeira, que desfraldo; e o riso com que deveria rir de mim, é um clarim com que saúdo e gero uma alvorada em que me faço.

A glória nocturna de ser grande não sendo nada! A majestade sombria de esplendor desconhecido... E sinto, de repente, o sublime do monge no ermo, do eremita no retiro, intuirado da substância do Cristo nas pedras e nas cavernas do afastamento do mundo.

E na mesa do meu quarto sou menos reles, empregado e anónimo, escrevo palavras como a salvação da alma e douro-me do poente impossível de montes altos vastos e longínquos da [...] estranha recebida por anel de renúncia em meu dedo evangélico, jóia parada do meu desdém estático.

5.

Tenho diante de mim as duas páginas grandes do livro pesado; ergo da sua inclinação na carteira velha, com os olhos cansados, uma alma mais cansada do que os olhos. Para além do nada que isto representa, o armazém, até à Rua dos Douradores, enfileira as prateleiras

regulares, os empregados regulares, a ordem humana e o sossego do vulgar. Na vidraça há o ruído do diverso, e o ruído diverso é vulgar, como o sossego que está ao pé das prateleiras.

Baixo olhos novos sobre as duas páginas brancas, em que os meus números cuidadosos puseram resultados da sociedade. E, com um sorriso que guardo para meu, lembro que a vida, que tem estas páginas com nomes de fazendas e dinheiro, com os seus brancos, e os seus traços a régua e de letra, inclui também os grandes navegadores, os grandes santos, os poetas de todas as eras, todos eles sem escrita, a vasta prole expulsa dos que fazem a valia do mundo.

No próprio registo de um tecido que não sei o que seja se me abrem as portas do Indo e de Samarcanda, e a poesia da Pérsia, que não é de um lugar nem de outro, faz das suas quadras, desrimadas no terceiro verso, um apoio longínquo para o meu desassossego. Mas não me engano, escrevo, somo, e a escrita segue, feita normalmente por um empregado deste escritório.

7.

Hoje, em um dos devaneios sem propósito nem dignidade que constituem grande parte da substância espiritual da minha vida, imaginei-me liberto para sempre da Rua dos Douradores, do patrão Vasques, do guarda-livros Moreira, dos empregados todos, do moço, do garoto e do gato. Senti em sonho a minha libertação, como se mares do Sul me houvessem oferecido ilhas maravilhosas por descobrir. Seria então o repouso, a arte conseguida, o cumprimento intelectual do meu ser.

Mas de repente, e no próprio imaginar, que fazia num café no feriado modesto do meio-dia, uma impressão de desagrado me assaltou o sonho: senti que teria pena. Sim, digo-o como se o dissesse circunstancialmente: teria pena. O patrão Vasques, o guarda-livros Moreira, o caixa Borges, os bons rapazes todos, o garoto alegre que leva as cartas ao correio, o moço de todos os fretes, o gato meigo – tudo isso se tornou parte da minha vida; não poderia deixar tudo isso sem chorar, sem compreender que, por mau que me parecesse, era parte de mim que ficava com eles todos, que o separar-me deles era uma metade e semelhança da morte.

Aliás, se amanhã me apartasse deles todos, e despisse este trajo da Rua dos Douradores, a que outra coisa me chegaria - porque a outra me haveria de chegar?, de que outro trajo me vestiria - porque de outro me haveria de vestir?

Todos temos o patrão Vasques, para uns visível, para outros invisível. Para mim chama-se realmente Vasques, e é um homem sadio, agradável, de vez em quando brusco mas sem lado de dentro, interesseiro mas no fundo justo, com uma justiça que falta a muitos grandes génios e a muitas maravilhas humanas da civilização, direita e esquerda. Para outros será a vaidade, a ânsia de maior riqueza, a glória, a imortalidade... Prefiro o Vasques homem meu patrão, que é mais tratável, nas horas difíceis, que todos os patrões abstractos do mundo.

Considerando que eu ganhava pouco, disse-me o outro dia um amigo, sócio de uma firma que é próspera por negócios com todo o Estado: "você é explorado, Soares". Recordou-me isso de que o sou; mas como na vida temos todos que ser explorados, pergunto se valerá menos a pena ser explorado pelo Vasques das fazendas do que pela vaidade, pela glória, pelo despeito, pela inveja ou pelo impossível.

Há os que Deus mesmo explora, e são profetas e santos na vacuidade do mundo.

E recolho-me, como ao lar que os outros têm, à casa alheia, escritório amplo, da Rua dos Douradores. Achejo-me à minha secretária como a um baluarte contra a vida. Tenho ternura, ternura até às lágrimas, pelos meus livros de outros em que escríturo, pelo tinteiro velho de que me sirvo, pelas costas dobradas do Sérgio, que faz guias de remessa um pouco para além de mim. Tenho amor a isto, talvez porque não tenha mais nada que amar - ou talvez, também,

porque nada valha o amor de uma alma, e, se temos por sentimento que o dar, tanto vale dalo ao pequeno aspecto do meu tinteiro como à grande indiferença das estrelas.

8.

O patrão Vasques. Tenho, muitas vezes, inexplicavelmente, a hipnose do patrão Vasques. Que me é esse homem, salvo o obstáculo ocasional de ser dono das minhas horas, num tempo diurno da minha vida? Trata-me bem, fala-me com amabilidade, salvo nos momentos bruscos de preocupação desconhecida em que não fala bem a alguém. Sim, mas por que me preocupa? É um símbolo? É uma razão? O que é?

O patrão Vasques. Lembro-me já dele no futuro com a saudade que sei que hei-de ter então. Estarei sossegado numa casa pequena nos arredores de qualquer coisa, fruindo um sossego onde não farei a obra que não faço agora, e buscarei, para a continuar a não ter feito, desculpas diversas daquelas em que hoje me esquivo a mim. Ou estarei internado num asilo de mendicidade, feliz da derrota inteira, misturado com a ralé dos que se julgaram génios e não foram mais que mendigos com sonhos, junto com a massa anónima dos que não tiveram poder para vencer nem renúncia larga para vencer do avesso. Seja onde estiver, recordarei com saudade o patrão Vasques, o escritório da Rua dos Douradores, e a monotonia da vida quotidiana será para mim como a recordação dos amores que me não foram advindos, ou dos triunfos que não haveriam de ser meus.

O patrão Vasques. Vejo de lá hoje, como o vejo hoje de aqui mesmo — estatura média, atarracado, grosseiro com limites e afeições, franco e astuto, brusco e afável — chefe, à parte o seu dinheiro, nas mãos cabeludas e lentas, com as veias marcadas como pequenos músculos coloridos, o pescoço cheio mas não gordo, as faces coradas e ao mesmo tempo tensas, sob a barba escura sempre feita a horas. Vejo-o, vejo os seus gestos de vagar enérgico, os seus olhos a pensar para dentro coisas de fora, recebo a perturbação da sua ocasião em que lhe não agrado, e a minha alma alegra-se com o seu sorriso, um sorriso amplo e humano, como o aplauso de uma multidão.

Será, talvez, porque não tenho próximo de mim figura de mais destaque do que o patrão Vasques, que, muitas vezes, essa figura comum e até ordinária se me emaranha na inteligência e me distrai de mim. Creio que há símbolo. Creio ou quase creio que algures, em uma vida remota, este homem foi qualquer coisa na minha vida mais importante do que é hoje.

10.

E assim sou, fútil e sensível, capaz de impulsos violentos e absorventes, maus e bons, nobres e vis, mas nunca de um sentimento que subsista, nunca de uma emoção que continue, e entre para a substância da alma. Tudo em mim é a tendência para ser a seguir outra coisa: uma impaciência da alma consigo mesma, como com uma criança inoportuna; um desassossego sempre crescente e sempre igual. Tudo me interessa e nada me prende. Atendo a tudo sonhando sempre; fixo os mínimos gestos faciais de com quem falo, recolho as entoações milimétricas dos seus dizeres expressos; mas ao ouvi-lo, não o escuto, estou pensando noutra coisa, e o que menos colhi da conversa foi a noção do que nela se disse, da minha parte ou da parte de com quem falei. Assim, muitas vezes, repito a alguém o que já lhe repeti, pergunto-lhe de novo aquilo a que ele já me respondeu; mas posso descrever, em quatro palavras fotográficas, o semblante muscular com que ele disse o que me não lembra, ou a inclinação de ouvir com os olhos com que recebeu a narrativa que me não recordava ter-lhe feito. Sou dois, e ambos têm a distância — irmãos siameses que não estão pegados.

13.

A miséria da minha condição não é estorvada por estas palavras conjugadas, com que formo, pouco a pouco, o meu livro casual e meditado. Subsisto nulo no fundo de toda a expressão, como um pó indissolúvel no fundo do copo de onde se bebeu só água. Escrevo a minha literatura como escrevo os meus lançamentos - com cuidado e indiferença. Ante o vasto céu estrelado e o enigma de muitas almas, a noite do abismo incógnito e o choro de nada se compreender - ante tudo isto o que escrevo no caixa auxiliar e o que escrevo neste papel da alma são coisas igualmente restritas à Rua dos Douradores, muito pouco aos grandes espaços milionários do universo.

Tudo isto é sonho e fantasmagoria, e pouco vale que o sonho seja lançamentos como prosa de bom porte. Que serve sonhar com princesas, mais que sonhar com a porta da entrada do escritório? Tudo que sabemos é uma impressão nossa, e tudo que somos é uma impressão alheia, melodrama de nós, que, sentindo-nos, nos constituímos nossos próprios espectadores activos, nossos deuses por licença da Câmara.

20.

Hoje, em um dos devaneios sem propósito nem dignidade que constituem grande parte da substância espiritual da minha vida, imaginei-me liberto para sempre da Rua dos Douradores, do patrão Vasques, do guarda-livros Moreira, dos empregados todos, do moço, do garoto e do gato. Senti em sonho a minha libertação, como se mares do Sul me houvessem oferecido ilhas maravilhosas por descobrir. Seria então o repouso, a arte conseguida, o cumprimento intelectual do meu ser.

Mas de repente, e no próprio imaginar, que fazia num café no feriado modesto do meio-dia, uma impressão de desagrado me assaltou o sonho: senti que teria pena. Sim, digo-o como se o dissesse circunstancialmente: teria pena. O patrão Vasques, o guarda-livros Moreira, o caixa Borges, os bons rapazes todos, o garoto alegre que leva as cartas ao correio, o moço de todos os fretes, o gato meigo - tudo isso se tornou parte da minha vida; não poderia deixar tudo isso sem chorar, sem compreender que, por mau que me parecesse, era parte de mim que ficava com eles todos, que o separar-me deles era uma metade e semelhança da morte.

Aliás, se amanhã me apartasse deles todos, e despissem este trajo da Rua dos Douradores, a que outra coisa me chegaria - porque a outra me haveria de chegar?, de que outro trajo me vestiria - porque de outro me haveria de vestir?

Todos temos o patrão Vasques, para uns visível, para outros invisível. Para mim chama-se realmente Vasques, e é um homem sadio, agradável, de vez em quando brusco mas sem lado de dentro, interesseiro mas no fundo justo, com uma justiça que falta a muitos grandes génios e a muitas maravilhas humanas da civilização, direita e esquerda. Para outros será a vaidade, a ânsia de maior riqueza, a glória, a imortalidade... Prefiro o Vasques homem meu patrão, que é mais tratável, nas horas difíceis, que todos os patrões abstractos do mundo.

Considerando que eu ganhava pouco, disse-me o outro dia um amigo, sócio de uma firma que é próspera por negócios com todo o Estado: "você é explorado, Soares". Recordou-me isso de que o sou; mas como na vida temos todos que ser explorados, pergunto se valerá menos a pena ser explorado pelo Vasques das fazendas do que pela vaidade, pela glória, pelo despeito, pela inveja ou pelo impossível.

Há os que Deus mesmo explora, e são profetas e santos na vacuidade do mundo.

E recolho-me, como ao lar que os outros têm, à casa alheia, escritório amplo, da Rua dos Douradores. Achego-me à minha secretária como a um baluarte contra a vida. Tenho ternura, ternura até às lágrimas, pelos meus livros de outros em que escríturo, pelo tinteiro velho de que me sirvo, pelas costas dobradas do Sérgio, que faz guias de remessa um pouco para além de mim. Tenho amor a isto, talvez porque não tenha mais nada que amar - ou talvez, também,

porque nada valha o amor de uma alma, e, se temos por sentimento que o dar, tanto vale dá-lo ao pequeno aspecto do meu tinteiro como à grande indiferença das estrelas.

26.

Dar a cada emoção uma personalidade, a cada estado de alma uma alma.

Dobraram a curva do caminho e eram muitas raparigas. Vinham cantando pela estrada, e o som das suas vozes era felizes. Elas não sei o que seriam. Escutei-as um tempo de longe, sem sentimento próprio. Uma amargura por elas sentiu-me no coração.

Pelo futuro delas? Pela inconsciência delas? Não directamente por elas ou, quem sabe? talvez apenas por mim.

63.

Toda a vida da alma humana é um movimento na penumbra. Vivemos, num lusco-fusco de consciência, nunca certos com o que somos ou com o que nos supomos ser. Nos melhores de nós vive a vaidade de qualquer coisa, e há um erro cujo ângulo não sabemos. Somos qualquer coisa que se passa no intervalo de um espectáculo; por vezes, por certas portas, entrevemos o que talvez não seja senão cenário. Todo o mundo é confuso, como vozes na noite.

Estas páginas, em que registo com uma clareza que dura para elas, agora mesmo as reli e me interrogo. Que é isto, e para que é isto? Quem sou quando sinto? Que coisa morro quando sou?

Como alguém que, de muito alto, tente distinguir as vidas do vale, eu assim mesmo me contemplo de um cimo, e sou, com tudo, uma paisagem indistinta e confusa.

É nestas horas de um abismo na alma que o mais pequeno pormenor me oprime como uma carta de adeus.

Sinto-me constantemente numa véspera de despertar, sofro-me o invólucro de mim mesmo, num abafamento de conclusões. De bom grado gritaria se a minha voz chegasse a qualquer parte. Mas há um grande sono comigo, e desloca-se de umas sensações para outras como uma sucessão de nuvens, das que deixam de diversas cores de sol e verde a relva meio ensombrada dos campos prolongados.

Sou como alguém que procura ao acaso, não sabendo onde foi oculto o objecto que lhe não disseram o que é. Jogamos às escondidas com ninguém. Há, algures, um subterfúgio transcendente, unia divindade fluida e ouvida.

Releio, sim, estas páginas que representam horas pobres, pequenos sossegos ou ilusões, grandes esperanças desviadas para a paisagem, mágoas como quartos onde se não entra, certas vozes, um grande cansaço, o evangelho por escrever.

Cada um tem a sua vaidade, e a vaidade de cada um é o seu esquecimento de que há outros com alma igual. A minha vaidade são algumas páginas, uns trechos, certas dúvidas...

Releio? Menti! Não ouso reler. Não posso reler. De que me serve reler? O que está ali é outro. Já não comprehendo nada...

75.

Para sentir a delícia e o terror da velocidade não preciso de automóveis velozes nem de comboios expressos. Basta-me um carro eléctrico e a espantosa faculdade de abstracção que tenho e cultivo.

Num carro eléctrico em marcha eu sei, por uma atitude constante e instantânea de análise, separar a ideia de carro da ideia de velocidade, separá-las de todo, até serem coisas-reais diversas. Depois, posso sentir-me seguindo não dentro do carro mas dentro da mera-velocidade dele. E, cansado, se acaso quero o delírio da velocidade enorme, posso transportar

a ideia para o Puro imitar da velocidade e a meu bom prazer aumentá-la ou diminuí-la, alargá-la para além de todas as velocidades possíveis de veículos comboios.

Correr riscos reais, além de me apavorar não é por medo que eu sinta excessivamente — perturba-me a perfeita atenção às minhas sensações, o que me incomoda e me despersonaliza.

Nunca vou para onde há risco. Tenho medo a tédio dos perigos.

Um poente é um fenómeno intelectual.

83.

Remoinhos, redemoinhos, na futilidade fluida da vida! Na grande praça ao centro da cidade, a água sobriamente multicolor da gente passa, desvia-se, faz poças, abre-se em riachos, junta-se em ribeiros. Os meus olhos vêm desatentamente, e construo em mim essa imagem aquela que, melhor que qualquer outra, e porque pensei que viria chuva, se ajusta a este incerto movimentos.

Ao escrever esta última frase, que para mim exactamente diz o que define, pensei que seria útil pôr no fim do meu livro, quando o publicar, abaixo das «Errata» umas «Não-Errata», e dizer: a frase «a este incerto movimentos», na página tal, é assim mesmo, com as vozes adjetivas no singular e o substantivo no plural. Mas que tem isto com aquilo em que estava pensando? Nada, e por isso me deixo pensá-lo.

À roda dos meios da praça, como caixas de fósforos móveis, grandes e amarelas, em que uma criança espetasse um fósforo queimado inclinado, para fazer de mau mastro, os carros eléctricos rosnam e tinham; arrancados, assobiam a ferro alto. À roda da estátua central as pombas são migalhas pretas que se mexem, como se lhes desse um vento espalhador. Dão passinhos, gordas sobre pés pequenos.

E são sombras, sombras...

Vista de perto, toda a gente é monotonamente diversa. Dizia Vieira que Frei Luís de Sousa escrevia «o comum com singularidade». Esta gente é singular com comunidade, às avessas do estilo da Vida do Arcebispo. Tudo isto me faz pena, sendo-me todavia indiferente. Vim parar aqui sem razão, como tudo na vida.

Do lado do oriente, entrevista, a cidade ergue-se quase a prumo falso, assalta estaticamente o Castelo. O sol pálido molha de um aureolar vago essa mole súbita de casas que para aqui o oculta. O céu é de um azul humidamente esbranquiçado. A chuva de ontem talvez se repita hoje, mas mais branda. O vento parece leste, talvez porque aqui mesmo, de repente, cheira vagamente ao maduro e verde do mercado próximo. Do lado oriental da Praça há mais forasteiros que do outro. Como descargas alcatifadas, as portas onduladas descem para cima; não sei porquê, é assim a frase que me transmite aquele som. É talvez porque fazem mais esse som ao descer, porém agora sobem. Tudo se explica.

De repente estou só no mundo. Vejo tudo isto do alto de um telhado espiritual. Estou só no mundo. Ver é estar distante. Ver claro é parar Analisar é ser estrangeiro. Toda a gente passa sem roçar por mim. Tenho só ar à minha volta. Sinto-me tão isolado que sinto a distância entre mim e o meu fato. Sou uma criança, com uma palmatória mal acesa, que atravessa, de camisa de noite, uma grande casa deserta. Vivem sombras que me cercam — só sombras, filhas dos móveis hirtos e da luz que me acompanha. Elas me rondam aqui ao sol, mas são gente.

87.

A metafísica pareceu-me sempre uma forma prolongada da loucura latente. Se conhecêssemos a verdade, vê-la-íamos; tudo (o) mais é sistema e arredores. Basta-nos, se pensarmos, a incomprensibilidade do universo; querer compreendê-lo é ser menos que homens, porque ser homem é saber que se não comprehende.

Trazem-me a fé como um embrulho fechado numa salva alheia. Querem que o aceite, mas que o não abra. Trazem-me a ciência, como uma faca num prato, com que abrirei as folhas de um livro de páginas brancas. Trazem-me a dúvida, como pó dentro de uma caixa; mas para que me trazem a caixa se ela não tem senão pó?

Na falta de saber, escrevo; e uso os grandes termos da Verdade. Alheios conforme as exigências da emoção. Se a emoção é clara e fatal, falo, naturalmente, dos Deuses, e assim a enquadro numa consciência do mundo múltiplo. Se a emoção é profunda, falo, naturalmente, de Deus, e assim a engasto numa consciência una. Se a emoção é um pensamento, falo, naturalmente, do Destino, e assim a encosto à parede.

Umas vezes o próprio ritmo da frase exigirá Deus e não Deuses: outras vezes impõe as duas sílabas de Deuses e mudo verbalmente de universo; outras vezes pesará o contrário, as necessidades de uma rima íntima, um deslocamento do ritmo, um sobressalto de emoção e o politeísmo ou o monoteísmo amolda-se e prefere-se. Os Deuses são uma função do estilo.

92.

Eu nunca fiz senão sonhar. Tem sido esse, e esse apenas, o sentido da minha vida. Nunca tive outra preocupação verdadeira senão a minha vida interior. As maiores dores da minha vida esbatem-se-me quando, abrindo a janela para dentro de mim pude esquecer-me na visão do seu movimento.

Nunca pretendi ser senão um sonhador. A quem me falou de viver nunca prestei atenção. Pertenci sempre ao que não está onde estou e ao que nunca pude ser. Tudo o que não é meu, por baixo que seja, teve sempre poesia para mim. Nunca amei senão coisa nenhuma. Nunca desejei senão o que nem podia imaginar. À vida nunca pedi senão que passasse por mim sem que eu a sentisse. Do amor apenas exigi que nunca deixasse de ser um sonho longínquo. Nas minhas próprias paisagens interiores, irrealis todas elas, foi sempre o longínquo que me atraiu, e os aquedutos que se esfumam — quase na distância das minhas paisagens sonhadas, tinham uma docura de sonho em relação às outras partes de paisagem — uma docura que fazia com que eu as pudesse amar.

A minha mania de criar um mundo falso acompanha-me ainda, e só na minha morte me abandonará. Não alinho hoje nas minhas gavetas carros de linha e peões de xadrez — com um bispo ou um cavalo acaso sobressaindo — mas tenho pena de o não fazer... e alinho na minha imaginação, confortavelmente, como quem no Inverno se aquece a uma lareira, figuras que habitam, e são constantes e vivas, na minha vida interior. Tenho um mundo de amigos dentro de mim, com vidas próprias, reais, definidas e imperfeitas.

Alguns passam dificuldades, outros têm uma vida boémia, pitoresca e humilde. Há outros que são caixeiros-viajantes. (Poder sonhar-me caixeiro-viajante foi sempre uma das minhas grandes ambições — irrealizada infelizmente!) Outros moram em aldeias e vilas lá para as fronteiras de um Portugal dentro de mim; vêm à cidade, onde por acaso os encontro e reconheço, abrindo-lhes os braços, numa atracção... E quando sonho isto, passeando no meu quarto, falando alto, gesticulando... quando sonho isto, e me visiono encontrando-os, todo eu me alegro, me realzo, me pulo, brilham-me os olhos, abro os braços e tenho uma felicidade enorme, real.

Ah, não há saudades mais dolorosas do que as das coisas que nunca foram! O que eu sinto quando penso no passado, que tive no tempo real, quando choro sobre o cadáver da vida da minha infância ida..., isso mesmo não atinge o fervor doloroso e trémulo com que choro sobre não serem reais as figuras humildes dos meus sonhos, as próprias figuras secundárias que me recordo de ter visto uma só vez, por acaso, na minha pseudovida, ao virar uma esquina da minha visionação, ao passar por um portão numa rua que subi e percorri por esse sonho fora.

A raiva de a saudade não poder reavivar e reerguer nunca é tão lacrimosa contra Deus, que criou impossibilidades, do que quando medito que os meus amigos de sonho, com quem passei tantos detalhes de uma vida suposta, com quem tantas conversas iluminadas, em cafés imaginários, tenho tido, não pertenceram, afinal, a nenhum espaço onde pudessem ser, realmente, independente da minha consciência deles!

Oh, o passado morto que eu trago comigo e nunca esteve senão comigo! As flores do jardim da pequena casa de campo e que nunca existiu senão em mim. As hortas, os pomares, o pinhal da quinta que foi só um meu sonho! As minhas vilegiaturas supostas, os meus passeios por um campo que nunca existiu! As árvores de à beira da estrada, os atalhos, as pedras, os camponeses que passam... tudo isto, que nunca passou de um sonho, está guardado em minha memória a fazer de dor e eu, que passei horas a sonhá-los, passo horas depois a recordar tê-los sonhado e é, na verdade, saudade que eu tenho, um passado que eu choro, uma vida real morta que fito, solene, no seu caixão.

Há também as paisagens e as vidas que não foram inteiramente interiores. Certos quadros<sup>1</sup> sem subido relevo artístico, certas oleogravuras que havia em paredes com que convivi muitas horas — passam a realidade dentro de mim. Aqui a sensação era outra, mais pungente e triste. Ardia-me não poder estar ali, quer eles fossem reais ou não. Não ser eu, ao menos, uma figura a mais, desenhada ao pé daquele bosque ao luar que havia numa pequena gravura dum quarto onde dormi já não em pequeno! Não poder eu pensar que estava ali oculto, no bosque à beira do rio, por aquele luar eterno (embora mal desenhado), vendo o homem que passa num barco por baixo do debruçar-se de um salgueiro! Aqui o não poder sonhar inteiramente doía-me. As feições da minha saudade eram outras. Os gestos do meu desespero eram diferentes. A impossibilidade que me torturava era de outra ordem de angústia. Ah, não ter tudo isto um sentido em Deus, uma realização conforme o espírito de nossos desejos, não sei onde, por um tempo vertical, consubstanciado com a direcção das minhas saudades e dos meus devaneios! Não haver, pelo menos só para mim, um paraíso feito disto! Não poder eu encontrar os amigos que sonhei, passear pelas ruas que criei, acordar, entre o ruído dos galos e das galinhas e o rumorejar matutino da casa, na casa de campo em que eu me supus... e tudo isto mais perfeitamente arranjado por Deus, posto naquela perfeita ordem para existir, na precisa forma para eu o ter que nem os meus próprios sonhos atingem senão na falta de uma dimensão do espaço íntimo que entretém essas pobres realidades...

Ergo a cabeça de sobre o papel em que escrevo... É cedo ainda. Mal passa o meio-dia e é domingo. O mal da vida, a doença de ser consciente, entra com o meu próprio corpo e perturba-me. Não haver ilhas para os inconfortáveis, alamedas vetustas, inencontráveis de antes, para os isolados no sonhar! Ter de viver e, por pouco que seja, de agir; ter de roçar pelo facto de haver outra gente, real também, na vida! Ter de estar aqui escrevendo isto, por me ser preciso à alma fazê-lo, e, mesmo isto, não poder sonhá-lo apenas, exprimi-lo sem palavras, sem consciência mesmo, por uma construção de mim próprio em música e esbatimento, de modo que me subissem as lágrimas aos olhos só de me sentir expressar-me, e eu fluísse, como um rio encantado, por lentes declives de mim próprio, cada vez mais para o inconsciente e o Distante, sem sentido nenhum excepto Deus.

93.

Em mim foi sempre menor a intensidade das sensações que a intensidade da consciência delas. Sofri sempre mais com a consciência de estar sofrendo que com o sofrimento de que tinha consciência.

A vida das minhas emoções mudou-se, de origem, para as salas do pensamento, e vivi sempre mais amplamente o conhecimento emotivo da vida.

E como o pensamento, quando alberga a emoção, se torna mais exigente que ela, o regime de consciência em que passei a viver o que sentia, tornaram-me mais quotidiana, mais epidémica, mais titilante a maneira como sentia.

Criei-me eco e abismo, pensando. Multipliquei-me aprofundando-me. O mais pequeno episódio — uma alteração saindo da luz, a queda enrolada de uma folha seca, a pétala que se despega amarelecida, a voz do outro lado do muro ou os passos de quem a diz junta aos de quem a deve escutar, o portão entreaberto da quinta velha, o pátio abrindo com um arco das casas aglomeradas ao luar — todas estas coisas, que me não pertencem, prendem-me a meditação sensível com laços de ressonância e de saudade. Em cada uma dessas sensações sou outro, renovo-me dolorosamente em cada impressão indefinida.

Vivo de impressões que me não pertencem, perdulário de renúncias, outro no modo como sou eu.

94.

Durei horas incógnitas, momentos sucessivos sem relação, no passeio em que fui, de noite, à beira sozinha do mar. Todos os pensamentos, que têm feito viver homens, todas as emoções, que os homens têm deixado de viver, passaram por minha mente, como um resumo escuro da história, nessa minha meditação andada à beira-mar.

Sofri em mim, comigo, as aspirações de todas as eras, e comigo passearam, à beira ouvida do mar, os desassossegos de todos os tempos. O que os homens quiseram e não fizeram, o que mataram fazendo-o, o que as almas foram e ninguém disse — de tudo isto se formou a alma sensível com que passeei de noite à beira-mar. E o que os amantes estranharam no outro amante, o que a mulher ocultou sempre ao marido de quem é, o que a mãe pensa do filho que não teve, o que teve forma só num sorriso ou numa oportunidade, num tempo que não foi esse ou numa emoção que falta — tudo isso, no meu passeio à beira-mar, foi comigo e voltou comigo, e as ondas estorciam magnamente o acompanhamento que me fazia dormi-lo.

Somos quem não somos, e a vida é pronta e triste. O som das ondas à noite é um som da noite; e quantos o ouviram na própria alma, como a esperança constante que se desfaz no escuro com um som surdo de espuma funda! Que lágrimas choraram os que obtiveram, que lágrimas perderam os que conseguiram! E tudo isto, no passeio à beira-mar, se me tornou o segredo da noite e da confidência do abismo. Quantos somos! Quantos nos enganamos! Que mares soam em nós, na noite de sermos, pelas praias que nos sentimos nos alagamentos da emoção!

Aquilo que se perdeu, aquilo que se deveria ter querido, aquilo que se obteve e satisfez por erro, o que amámos e perdemos e, depois de perder, vimos, amando por tê-lo perdido, que o não havíamos amado; o que julgávamos que pensávamos quando sentíamos; o que era uma memória e críamos que era uma emoção; e o mar todo, vindo lá, rumoroso e fresco, do grande fundo de toda a noite, a estuar fino na praia, no decurso nocturno do meu passeio à beira-mar...

Quem sabe sequer o que pensa ou, o que deseja? Quem sabe o que é para si-mesmo? Quantas coisas a música sugere e nos sabe bem que não possam ser! Quantas a noite recorda e choramos e não foram nunca!

Como uma voz solta da paz deitada ao comprido, a enrolação da onda estoira e esfria e há um salivar audível pela praia invisível fora.

Quanto morro se sinto por tudo! Quanto sinto se assim vagueio, incorpóreo e humano, com o coração parado como uma praia, e todo o mar de tudo, na noite em que vivemos, batendo alto, chasco, e esfria-se, no meu eterno passeio nocturno à beira-mar!

96.

Vejo as paisagens sonhadas com a mesma clareza com que fito as reais. Se me debruço sobre os meus sonhos é sobre qualquer coisa que me debruço. Se vejo a vida passar, sonho qualquer coisa.

De alguém alguém disse que para ele as figuras dos sonhos tinham o mesmo relevo e recorte que as figuras da vida. Para mim, embora compreendesse que se me aplicasse frase semelhante, não a aceitaria. As figuras dos sonhos não são para mim iguais às da vida. São paralelas. Cada vida — a dos sonhos e a do mundo — tem uma realidade igual e própria, mas diferente. Como as coisas próximas e as coisas remotas. As figuras dos sonhos estão mais próximas de mim, mas (...)

106.

Às vezes, quando ergo a cabeça estonteada dos livros em que escrevo as contas alheias e a ausência de vida própria, sinto uma náusea física, que pode ser de me curvar, mas que transcende os números e a desilusão. A vida desgosta-me como um remédio inútil. E é então que eu sinto com visões claras como seria fácil o afastamento deste tédio se eu tivesse a simples força de o querer deveras afastar.

Vivemos pela acção, isto é, pela vontade. Aos que não sabemos querer -せjamos génios ou mendigos - irmana-nos a impoténcia. De que me serve citar-me génio se resulto ajudante de guarda-livros? Quando Cesário Verde fez dizer ao médico que era, não o Sr. Verde empregado no comércio, mas o poeta Cesário Verde, usou de um daqueles verbalismos do orgulho inútil que suam o cheiro da vaidade. O que ele foi sempre, coitado, foi o Sr. Verde empregado no comércio. O poeta nasceu depois de ele morrer, porque foi depois de ele morrer que nasceu a apreciação do poeta.

Agir, eis a inteligência verdadeira. Serei o que quiser. Mas tenho que querer o que for. O êxito está em ter êxito, e não em ter condições de êxito. Condições de palácio tem qualquer terra larga, mas onde estará o palácio se o não fizerem ali?

O meu orgulho lapidado por cegos e a minha desilusão pisada por mendigos.

"Quero-te só para sonho", dizem à mulher amada, em versos que lhe não enviam, os que não ousam dizer-lhe nada. Este "quero-te só para sonho" é um verso de um velho poema meu. Registo a memória com um sorriso, e nem o sorriso comento.

139.

Há muito tempo que não escrevo. Têm passado meses sem que viva, e vou durando, entre o escritório e a fisiologia, numa estagnação íntima de pensar e de sentir. Isto, infelizmente, não repousa: no apodrecimento há fermentação.

Há muito tempo que não só não escrevo, mas nem sequer existo. Creio que mal sonho. As ruas são ruas para mim. Faço o trabalho do escritório com consciência só para ele, mas não direi bem sem me distrair: por detrás estou, em vez de meditando, dormindo, porém estou sempre outro por detrás do trabalho.

Há muito tempo que não existo. Estou sossegadíssimo. Ninguém me distingue de quem sou. Senti-me agora respirar como se houvesse praticado uma coisa nova, ou atrasada. Começo a ter consciência de ter consciência. Talvez amanhã desperte para mim mesmo, e reate o curso da minha existência própria. Não sei se, com isso, serei mais feliz ou menos. Não sei nada. Ergo a cabeça de passeante e vejo que, sobre a encosta do Castelo, o poente oposto arde em dezenas de janelas, num réverbero alto de fogo frio. À roda desses olhos de chama dura toda a encosta é suave do fim do dia. Posso ao menos sentir-me triste, e ter a consciência de que, com esta minha tristeza, se cruzou agora — visto com ouvido — o som súbito do eléctrico que passa, a voz casual dos conversadores jovens, o sussurro esquecido da cidade viva.

Há muito tempo que não sou eu.

163.

A experiência directa é o subterfúgio, ou o esconderijo, daqueles que são desprovidos de imaginação. Lendo os riscos que correu o caçador de tigres tenho quanto de riscos valeu a pena ter, salvo o do mesmo risco, que tanto não valeu a pena ter, que passou.

Os homens de acção são os escravos involuntários dos homens de entendimento. As coisas não valem senão na interpretação delas. Uns, pois, criam coisas para que os outros, transmudando-as em significação, as tornam vidas. Narrar é criar, pois viver é apenas ser vivido.

175.

Quando nasceu a geração a que pertenço encontrou o mundo desprovido de apoios para quem tivesse cérebro, e ao mesmo tempo coração. O trabalho destrutivo das gerações anteriores fizera que o mundo, para o qual nascemos, não tivesse segurança que nos dar na ordem religiosa, esteio que nos dar na ordem moral, tranquilidade que nos dar na ordem política. Nascemos já em plena angústia metafísica, em plena angústia moral, em pleno desassossego político. Ébrios das fórmulas externas, dos meros processos da razão e da ciência, as gerações, que nos precederam, aluíram todos os fundamentos da fé cristã, porque a sua crítica bíblica, subindo de crítica dos textos a crítica mitológica, reduziu os evangelhos e a anterior hierografia dos judeus a um amontoado incerto de mitos, de legendas e de mera literatura; e a sua crítica científica gradualmente apontou os erros, as ingenuidades selvagens da "ciência" primitiva dos evangelhos; ao mesmo tempo, a liberdade de discussão, que pôs em praça todos os problemas metafísicos, arrastou com eles os problemas religiosos onde fossem da metafísica. Ébrios de uma coisa incerta, a que chamaram "positividade", essas gerações criticaram toda a moral, esquadriñaram todas as regras de viver, e, de tal choque de doutrinas, só ficou a certeza de nenhuma, e a dor de não haver essa certeza. Uma sociedade assim indisciplinada nos seus fundamentos culturais não podia, evidentemente, ser senão vítima, na política, dessa indisciplina; e assim foi que acordámos para um mundo ávido de novidades sociais, e com alegria ia à conquista de uma liberdade que não sabia o que era, de um progresso que nunca definira.

Mas o criticismo frustre dos nossos pais, se nos legou a impossibilidade de ser cristão, não nos legou o contentamento com que a tivéssemos; se nos legou a descrença nas fórmulas morais estabelecidas, não nos legou a indiferença à moral e às regras de viver humanamente; se deixou incerto o problema político, não deixou indiferente o nosso espírito a como esse problema se resolvesse. Nossos pais destruíram contentemente, porque viviam numa época que tinha ainda reflexos da solidez do passado. Era aquilo mesmo que eles destruíam que dava força à sociedade para que pudessem destruir sem sentir o edifício rachar-se. Nós herdámos a destruição e os seus resultados.

Na vida de hoje, o mundo só pertence aos estúpidos, aos insensíveis e aos agitados. O direito a viver e a triunfar conquista-se hoje quase pelos mesmos processos por que se conquista o internamento num manicómio: a incapacidade de pensar, a amoralidade, e a hiperexcitação.

212.

Ter opiniões é estar vendido a si mesmo. Não ter opiniões é existir. Ter todas as opiniões é ser poeta.

231.

Fazer uma obra e reconhecê-la má depois de feita é uma das tragédias da alma. Sobretudo é grande quando se reconhece que essa obra é a melhor que se podia fazer. Mas ao ir escrever

uma obra, saber de antemão que ela tem de ser imperfeita e falhada; ao está-la escrevendo estar vendo que ela é imperfeita e falhada - isto é o máximo da tortura e da humilhação do espírito. Não só os versos que escrevo sinto que me não satisfazem, mas sei que os versos que estou para escrever me não satisfarão, também. Sei-o tanto filosoficamente, como carnalmente, por uma entrevisão obscura e gladiolada.

Por que escrevo então? Porque, pregador que sou da renúncia, não aprendi ainda a executá-la plenamente. Não aprendi a abdicar da tendência para o verso e a prosa. Tenho de escrever como cumprindo um castigo. E o maior castigo é o de saber que o que escrevo resulta inteiramente fútil, falhado e incerto.

Em criança escrevia já versos. Então escrevia versos muito maus, mas julgava-os perfeitos. Nunca mais tornarei a ter o prazer falso de produzir obra perfeita. O que escrevo hoje é muito melhor. É melhor, mesmo, do que o que poderiam escrever os melhores. Mas está infinitamente abaixo daquilo que eu, não sei porquê, sinto que podia - ou talvez seja, que devia - escrever. Choro sobre os meus versos maus da infância como sobre uma criança morta, um filho morto, uma última esperança que se fosse.